ROTA MIGRATÓRIA DE GRUPOS PRÉ-HISTÓRICOS DA TRADIÇÃO NORDESTE: UMA HIPÓTESE QUE SE FORTALECE[1]

Celito Kestering[2]
Sebastião Lacerda de Lima Filho[3]
Rakel de Castro Alves[4]

RESUMO

Em prospecções realizadas na fronteira norte da Chapada Diamantina, mais especificamente no Município de Sento Sé – BA, identificaram-se painéis de pintura rupestre, com temáticas e técnicas do Estilo Serra da Capivara e do Complexo estilístico Serra Talhada. Esses painéis, absolutamente minoritários em relação aos da Tradição São Francisco, fortalecem a hipótese de que grupos pré-históricos autores das pinturas da Tradição Nordeste migraram pelo Vale do Rio São Francisco, para regiões como Seridó – RN e Caiapônia - GO.

Palavras-chave: Pintura rupestre. Tradição Nordeste. Sobradinho – BA. Sento Sé – BA.

ABSTRACT

In surveys conducted in the northern border of the *Chapada Diamantina*, more specifically the city of *Sento Sé – BA*, were identified panels of rock art, with themes and techniques of *Serra da Capivara* Style and *Serra Talhada* Stylistic Complex. These panels, absolutely minority in relation to the *São Francisco* Tradition supports the hypothesis that prehistoric groups authors of *Nordeste* Tradition paintings migrated through the Valley of the São Francisco River, for regions like *Seridó - RN* and *Caiapônia - GO*.

Keywords: Rock painting. *Nordeste* Tradition. *Sobradinho - BA*. *Sento Sé – BA*.

1 INTRODUÇÃO

O registro rupestre é um dos temas mais abordados na Arqueologia do Nordeste do Brasil. Existe em abundância em vários estados como Piauí, Bahia, Pernambuco, Paraíba e Rio Grande do Norte. No século XIX, tinha-se a ideia de que os grupos pré-históricos realizavam-no pelo prazer estético. Interpretavam-se, então, os painéis desses registros gráficos como forma de representação artística ou mágica. Advém daí o costume de mencionar os grafismos pré-históricos realizados em rochas como arte rupestre.

---

[1] Publicação digital em www.historiaehistoria.com.br (ISSN 1807-1783), no dia 28 de agosto de 2012, organizada com apoio do Grupo de Pesquisa Arqueologia Histórica da UNICAMP.

[2] Licenciado em Filosofia, Psicologia e Sociologia pela Universidade do Sul de Santa Catarina – UNISUL;
Engenheiro Agrônomo pela Faculdade de Agronomia do Médio São Francisco – FAMESF;
Especialista em Realidade Brasileira, pelo Instituto Brasileiro de Desenvolvimento – IBRADES;
Mestre em Pré-História e doutor em Arqueologia pela Universidade Federal de Pernambuco – UFPE;
Professor Adjunto 3 da Universidade Federal do Vale do São Francisco – UNIVASF;
[3] Bacharel em Arqueologia e Preservação Patrimonial pela Universidade Federal do Vale do São Francisco – UNIVASF; Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Arqueologia e Preservação Patrimonial da Universidade Federal de Sergipe – UFS. E-mail: arqueologiasebast@yahoo.com.br. Fone: (74) 8833 8445.
[4] Estudante do Curso de Arqueologia e Preservação Patrimonial da Universidade Federal do São Francisco – UNIVASF. E-mail: rakel_caxtro@hotmail.com; Fones: (89) 3582 1961; (89) 9981 2812.

Na década de 1970, Laming-Emperaire e Leroi-Gourhan propuseram que, no processo de elaboração dos grafismos, os grupos pré-históricos seguiam leis naturais. Realizavam-nos de maneira sistemática e não por acaso. A partir de então, começou-se a estudá-los como símbolos materializados das ideias dos autores e como produtos padronizados pelas especificidades gestuais próprias da sua identidade. Neles pode-se identificar o padrão de reconhecimento, a temática dominante, as preferências cenográficas e a técnica que os autores utilizam para representar suas ideias. As temáticas são representadas com formas realistas (metonímicas) ou simbolistas (abstratas, geométricas, metafóricas). Quando metonímicas, representam figuras humanas, de animais ou de plantas e, quando metafóricas, representam signos ou conjunto de signos reconhecíveis nas recorrências. (HERNANDO, 2002).

Segregam-se padrões de reconhecimento pela identificação de grafismos conhecíveis (metonímicos, realistas), reconhecíveis (metafóricos, abstratos, geométricos, puros ou simbólicos) ou irreconhecíveis. Grafismos conhecíveis são aqueles que o pesquisador pode identificar como unidades gráficas, no momento em que os descobre, relacionando-os com algo que faz parte do seu mundo conhecido. Eles são facilmente identificados porque representam componentes essenciais de elementos do mundo sensível.

Para a identificação de grafismos reconhecíveis, que não representam realidades conhecidas, considera-se unidade gráfica um signo ou todo o conjunto de signos e espaços vazios de um painel, enquanto não são identificadas figuras semelhantes em outros painéis. Eles são, por isso, reconhecíveis nas recorrências. Grafismos irreconhecíveis são aqueles que, pela distribuição informe da tinta ou pelo desgaste, não se consegue perceber os limites necessários para sua classificação. (KESTERING, 2007).

No começo das pesquisas na região Sudeste do Piauí, Guidon (1985) observava a existência de três grandes horizontes culturais nas pinturas rupestres. Designava-se horizonte cultural o conjunto de atributos culturais de um grupo humano relacionado com o espaço geográfico. Baseava-se na constatação de que os grupos tinham atributos que permitiam identificar a sua cultura e diferenciá-la das outras. Os registros rupestres, por serem vestígios da cultura material, poderiam informar sobre o universo simbólico dos grupos pré-históricos. Identificando elementos recorrentes, procurava-se relacionar conjuntos gráficos à identidade de seus autores. (KESTERING, 2007).

1 OBJETIVO

O objetivo da presente pesquisa é identificar, no Município de Sento Sé - BA, painéis de pintura rupestre semelhantes aos da Tradição Nordeste, realizados no Parque Nacional Serra da Capivara - PI. A identificação desses painéis é importante, porque eles permitem a constatação de atributos da identidade de seus autores que podem ser reconhecidos no padrão de reconhecimento, na cenografia na temática e na técnica das pinturas rupestres. O padrão de reconhecimento e a cenografia são atributos estruturais hereditários relacionados com os grupos ancestrais, que se conservam durante milênios. A temática e a técnica permitem identificar a origem recente dos grupos porque elas decorrem do seu processo de adaptação a um meio geográfico específico, no caso, a região Sudeste do Estado do Piauí. Identificando-se padrões de reconhecimento, de cenografia e de temática pode-se fazer proposições a respeito da identidade dos grupos autores dos painéis analisados.

2 MÉTODO

Realizaram-se trabalhos de campo referentes ao Projeto Caracterização e Diagnóstico do Patrimônio Arqueológico do Médio São Francisco. Nesses trabalhos, participaram alguns professores e

estudantes do Curso de Arqueologia e Preservação Patrimonial da UNIVASF. Percorreram-se grandes distâncias por trilhas que davam acesso a feições de relevo com pinturas rupestres. Prospectou-se toda a região Norte da Chapada Diamantina. Junto à população local, colheram-se as primeiras informações a respeito do seu patrimônio arqueológico. Ela disponibilizou também os guias para acompanhar a equipe de pesquisa.

Em campo, fez-se o levantamento cadastral e fotográfico dos painéis de pintura rupestre. Utilizou-se tripé sobre o qual se apoiou uma câmera digital de 14 megapixels. Utilizou-se, também uma escala da IFRAO, com a finalidade de auxiliar no reconhecimento das cores reais e a dimensão dos painéis nas fotografias. A utilização de GPS (Garmim Etex Vista) possibilitou a obtenção das coordenadas geográficas dos sítios arqueológicos. Fez-se o descarrego das coordenadas fornecidas pelo GPS no computador. Em seguida fez-se seu afinamento com o auxílio do software Google Earth 2010 para o registro da distribuição espacial das feições de relevo onde havia painéis de pintura rupestre. O uso de um caderno de campo serviu para que se registrasse o contexto de cada sítio arqueológico com o intuito de enriquecer o banco de dados sobre os atributos da identidade dos grupos pré-históricos do Vale do Rio São Francisco.

3 TRADIÇÕES

Martin e Guidon (2010) propõem suprimir a utilização de classificações dos registros rupestres em tradições. Argumentam que essas tradições foram estabelecidas na década de 1970, a partir de estudos restritos aos conjuntos gráficos do Parque Nacional Serra da Capivara e do Vale do Rio São Francisco. Justificam sua proposição pela dificuldade que há em fixar os limites das tradições São Francisco e Nordeste. Afirmam que, a partir dos anos 1980, acharam-se painéis de pinturas rupestres da Tradição Nordeste em amplos espaços do território brasileiro. Da mesma forma, painéis de pinturas da Tradição São Francisco têm sido identificados em toda extensão do vale homônimo e em outras regiões dos estados do Piauí, da Paraíba e do Rio Grande do Norte. Outro argumento que sustenta seu ponto de vista é o de que muitos arqueólogos associam e atribuem os registros rupestres a uma tradição de forma direta e corriqueira, sem ao menos realizarem uma análise pormenorizada e detalhada dos grafismos rupestres. Ressaltam que hoje estão disponíveis novas técnicas que possibilitam observar os dados com maior precisão. Esses avanços permitem perceber pinturas e sobreposições que antes não eram observadas e possibilitam o reconhecimento dos pigmentos utilizados na execução dos grafismos.

É oportuno considerar que a classificação preliminar das pinturas rupestres da região Nordeste do Brasil foi feita na década de 1970, quando não havia contexto arqueológico desvendado. Tradição era uma categoria de entrada, com caráter hipotético. Compreende-se que classificar um conjunto gráfico em tradições não pode, realmente, ser o procedimento inicial de uma pesquisa, mas o resultado de muitos estudos comparativos de grafismos contextualizados. Entende-se que é possível classificá-lo em tradições, somente quando se tem contexto arqueológico desvendado em amplo espaço e cronologias que comprovem sua realização por longo tempo. Como procedimento inicial, porém, pode-se identificar o padrão de reconhecimento e o padrão cenográfico para filiá-lo hipoteticamente em uma tradição. Essa filiação pode ser corroborada ou contrastada com o prosseguimento das pesquisas. É importante que se prossiga na identificação de hipotéticas tradições porque são os “conjuntos de sinais gráficos homólogos ou análogos que revelam particularidades peculiares dos grupos e heranças culturais comuns de grupos dissidentes ou diversificados”. (KESTERING, 2007).

Defende-se que a dificuldade no estabelecimento dos limites de uma tradição não deve ser o motivo para a abolição desse procedimento metodológico. As culturas são dinâmicas porque os grupos são sistemas abertos que realizam trocas genéticas e culturais (KESTERING, 2007). As trocas geram atributos específicos que se modificam na invariância de outros que são estruturais. É por isso que a

cenografia e o padrão de reconhecimento, por serem atributos estruturais de um sistema de comunicação, são invariantes que permitem, em nível hipotético, classificar um conjunto gráfico em uma tradição. A constatação de sua permanência por um longo tempo e de sua recorrência em um amplo espaço é necessária para a sua corroboração. Assim, não é estranho que pinturas da hipotética Tradição São Francisco e da Tradição Nordeste sejam encontradas na região do Planalto Central e em toda a extensão do Vale do Rio São Francisco. Isso apenas reforça as hipóteses que, no momento atual da pesquisa, formulam-se sobre as tradições Nordeste e São Francisco.

A filiação de um conjunto de pinturas ou de gravuras em uma hipotética tradição não inviabiliza a identificação de elementos técnicos para inseri-los em um banco de dados relacionados com os tipos de sítios, com o entorno ecológico e com a cultura material. Os elementos técnicos relacionados com o tempo permitem o reconhecimento de estilos na temática dominante de uma subtradição. A segregação de pinturas rupestres nessas duas subclasses não invalida a hipotética classe da tradição. Antes, pelo contrário, convalida-a. Nesta pesquisa, segregam-se painéis de pinturas rupestres que são classificadas, em nível hipotético, como Tradição Nordeste, como procedimento metodológico para reconhecer os grupos autores do universo gráfico analisado. Estima-se que estes foram originários da região Sudeste do Piauí de onde migraram para Seridó – RN e para a região Central do Brasil.

3.1 Tradição Nordeste

Guidon (1985) segregou as pinturas rupestres da região Nordeste do Brasil em tradições. Definiu-as como Tradição Nordeste, Tradição Agreste e Tradição Geométrica. À Tradição Nordeste, identificada na maior parte dos sítios do Parque Nacional Serra da Capivara, foram integrados conjuntos gráficos com dominância de figuras humanas e de animais representados de uma maneira que sugere movimento. A Tradição Agreste, que sobressai no Agreste dos estados de Pernambuco e da Paraíba, caracteriza-se pela dominância de figuras humanas e de animais estáticos. A Tradição Geométrica caracteriza-se pela presença dominante de grafismos geométricos (abstratos, puros, metafóricos, simbólicos ou reconhecíveis). Do ordenamento preliminar para as pinturas rupestres, a**s** figuras da Tradição Nordeste foram as mais pesquisadas.

Segundo Pessis (2003),

> A tradição Nordeste está presente em toda a região Nordeste do Brasil, mas todos os indícios arqueológicos indicam que sua origem se encontraria na região do Parque Nacional Serra da Capivara, onde foi descoberta, até agora, a maior densidade de pinturas dessa tradição. São pinturas realizadas por grupos humanos que se estabeleceram nesse território e permaneceram nele durante, ao menos, seis mil anos. Entre 12.000 e 6.000 anos, está comprovada, na região, a presença da Tradição Nordeste.

Além dos sítios arqueológicos da região Sudeste do Piauí, identificam-se painéis da Tradição Nordeste em Sento Sé – BA, Sobradinho - BA, Buíque – PE, Seridó – RN, Campo Formoso - BA, Morro do Chapéu – BA, Minas Gerais e Goiás. As evidências sugerem que o centro difusor da tradição Nordeste seja realmente o Sudeste do Piauí.

3.1.1 Subtradição Várzea Grande

Grupos humanos costumam adequar seu sistema de comunicação ao ambiente, modificando elementos do padrão gráfico que herdam. Nas pinturas, as adequações são observadas nas mudanças temáticas representadas por grupos de origem comum, em condições ambientais diferentes, em consequência de contatos com outros grupos, ou mesmo por alterações climáticas ou

geofísicas. A identificação da temática dominante no conjunto gráfico de uma tradição permite, por isso, classificar conjuntos de grafismos em subtradições e reconhecer as mudanças que ocorrem. Na região Sudeste do Piauí, identificou-se a Subtradição Várzea Grande. Nessa subtradição, Pessis (1992) identificou pinturas do estilo Serra da Capivara, realizados no período de 12.000 a 9.000 anos AP, do Estilo Serra Branca, realizados no período de 9.000 a 6.000 anos AP e do Complexo Estilístico Serra Talhada que não se enquadravam nas duas classes.

3.1.1.1 Estilo Serra da Capivara

As figuras do Estilo Serra da Capivara apresentam contornos completamente fechados e preenchimento feito com tinta lisa. De acordo com Pessis (2003, p. 111-131 *apud* Barbosa, 2007, p. 42-44), as pinturas deste estilo são simples e precisas. A maioria das figuras humanas, isoladas e sem relação aparente, manifestam-se desprovidas de elementos complementares e diferenciadores. Há, porém, algumas com atributos culturais que contrastam com a simplicidade generalizada. Às figuras simples, agregam-se atributos como cocares ornados e vestimentas que evocam uma máscara. O conjunto dos atributos substitui, por vezes, os traços essenciais de identificação humana por outros componentes culturais. As vezes, as figuras de perfil mostram uma deformação na parte superior do dorso.

As representações humanas são pequenas, geralmente menores que as de animais. São vistas em cenas de dança lúdica ou cerimonial, com figuras portando vestimentas, ornamentos, cocares ou propulsores. Aparecem também em cenas de caça. Há composições de figuras humanas umas sobre os ombros das outras, formando uma corrente, com número variável de indivíduos.

Em algumas figuras humanas desse estilo aparece a definição do gênero. Algumas apresentam o falo. Outras, nas cenas sexuais, permitem identificar o sexo feminino pela exteriorização da cavidade vaginal, evidenciando detalhadamente sua função de receptor do falo. O caráter explícito das cópulas e dos genitais de ambos os sexos representam o momento culminante do ato. As figuras participantes são simples. Às vezes, uma delas porta um cocar que não substitui a cabeça, como no caso das vestimentas que escondem a identidade.

3.1.1.2 Complexo estilístico Serra Talhada

Conforme Pessis (2003, p. 134-148, apud Barbosa, 2007, p. 49-50), em torno de 9.000 anos AP, ocorrem mudanças temáticas e técnicas isoladas e gradativas no Estilo Serra da Capivara. Aparecem figuras humanas, de veados e lhamas, preenchidas parcialmente com tinta vermelha, em setores reservados do interior da imagem. Essas pinturas destacam-se no conjunto da encenação. São leves alterações que, às vezes, atingem apenas um aspecto do estilo, conservando todas as características restantes. Pode tratar-se de variações de tamanho, associadas às técnicas gráficas, com traços curvilíneos. Aparecem figuras de tamanho reduzido, com ângulos arredondados, mas que mantêm a temática central do estilo de origem. Existem, também, figuras humanas com distorções morfológicas tornando-se filiformes ou completamente redondas. Destacam-se temas vinculados à violência, em cenas de guerra. Existem, também, no Complexo Estilístico Serra Talhada, painéis com sequências de traços verticais paralelos dotados de apêndices complementares que estampam forma humana, com pernas abertas e braços erguidos.

3.1.1.3 Estilo Serra Branca

Segundo Pessis (2003, p. 147-152, *apud* Barbosa, 2007, p. 53-55), na fase final da Tradição Nordeste, configura-se o estilo Serra Branca. Nele privilegiam-se os componentes ornamentais, as vestimentas, os cocares e uma decoração gráfica muito particular das figuras. Existe uma escolha clara da forma

retangular, muito decorada, como parâmetro gráfico na realização de figuras humanas e animais (Fig. 26). O aumento das representações de cenas de violência torna-se característico nos registros gráficos dessa comunidade. Há cenas de luta entre dois grupos que utilizam diferentes objetos de agressão, como propulsores, lanças e bordunas. O estilo Serra Branca apresenta duas características aparentemente contraditórias. Evidencia a clara escolha cenográfica para o hermetismo estático, manifestado pela abundância de figuras densamente ornamentadas e geometricamente enquadradas. Mas apresenta também as cenas de maior narratividade, complexidade temática e cenográfica em torno do tema da violência.

4 RESULTADOS

Constatou-se que, no Município de Sento Sé – BA há 136 feições de relevo com vestígios arqueológicos. (Qd. 1; Fig. 1). Na maioria das feições prospectadas há dominância de pinturas da hipotética Tradição São Francisco. Em 19 feições de relevo, há painéis intrusivos, com padrão de reconhecimento e cenografia da Tradição Nordeste. (Qd. 2; Fig. 2).

Quadro 1 – Feições de relevo com vestígios arqueológicos no Município de Sento Sé - BA

Nº.	Feição de Relevo	Ficha	UTML	UTMN	Povoado
01	Boqueirão do Riacho das Traíras	004	24L 286187	8928779	Traíras
02	Boqueirão do Riacho do Bonsucesso	005	24L 282243	8920335	Bonsucesso
03	Terraço de São João	006	24L 283817	8913517	São João
04	Serrote de São João	007	24L 283431	8912223	São João
05	Boqueirão da Serra da Caixa	008	24L 275417	8911237	São Pedro
06	Boqueirão do Riacho de São Pedro	009	24L 273045	8907015	São Pedro
07	Serrote do Caldeirão da Tiririca	010	24L 272245	8904980	São Pedro
08	Baixa do Pau Ferro	011	24L 272325	8904969	São Pedro
09	Boqueirão da Residência	012	24L 274064	8904634	São Pedro
10	Aluvião das Pedras	013	24L 279500	8961000	São Gonçalo da Serra
11	Boqueirão do Riacho São Gonçalo	014	24L 286449	8939671	São Gonçalo da Serra
12	Boqueirão da Serra do Saco do Morcego	015	24L 284427	8937480	São Gonçalo da Serra
13	Boqueirão da Lajinha	016	24L 287850	8936450	São Gonçalo da Serra
14	Boqueirão do Brejo de Dentro	017	24L 275315	8939779	Brejo de Dentro
15	Grota da Velha Maria	018	24L 276754	8935004	Brejo de Dentro
16	Boqueirão da Gameleira	019	24L 281170	8934622	Brejo de Dentro
17	Boqueirão de São José	020	24L 276761	8932247	Brejo de Dentro
18	Grota de São José	021	24L 276832	8931628	Brejo de Dentro
19	Aluvião do Boqueirão	022	24L 267300	8952600	Mina do Incaibro
20	Boqueirão do Saco de Arara	023	24L 267345	8947435	Mina do Incaibro
21	Grota do Olho D'água Vermelho	024	24L 268823	8948882	Mina do Incaibro
22	Boqueirão dos Caldeirões	025	24L 268912	8948586	Mina do Incaibro
23	Boqueirão da Melgueira	026	24L 266458	8941674	Mina do Incaibro
24	Aluvião da Barrinha de Urucé	027	24L 255500	8936500	Piçarrão
25	Serrote do Morrinho	028	24L 263249	8916310	Piçarrão
26	Serrote do Pote	029	24L 260322	8910221	Piçarrão
27	Serrote da Gameleirinha	030	24L 262608	8909974	Piçarrão
28	Boqueirão do Niso	031	24L 259238	8902757	Piçarrão
29	Grota de Antônio Francisco	032	24L 250188	8914279	Brejo da Martinha
30	Boqueirão das Caraíbas	033	24L 248632	8910887	Brejo da Martinha
31	Boqueirão do Cara Olho	034	24L 248541	8909007	Brejo da Martinha
32	Boqueirão do Brejo da Martinha	035	24L 247669	8907241	Brejo da Martinha
33	Boqueirão do Careta do Brejinho	036	24L 242649	8906282	Brejo da Martinha
34	Boqueirão do Rafael	037	24L 242060	8908661	Brejo da Martinha

35	Aluvião de Américo Alves	038	24L 215000	8926500	Piri
36	Terraço do Calumbi	039	24L 217000	8922000	Piri
37	Aluvião do Barracão	040	24L 229000	8930500	Piri
38	Terraço do Crinquirim	041	24L 233500	8923000	Piri
39	Grota do Olho D'Água do Perna	042	24L 249254	8916608	Piri
40	Grota do Brejinho de Baixo	043	24L 247572	8915631	Piri
41	Grota da Briga de Gervásio	044	24L 246729	8914682	Piri
42	Grota do Portão	045	24L 238155	8912173	Piri
43	Grota da Serra do Cachorro Queimado	046	24L 230789	8907916	Piri
44	Boqueirão do Poço do Tito	047	24L 231429	8907493	Piri
45	Boqueirão dos Caldeirões do Brejinho	048	24L 225919	8905173	Lajes
46	Serrote do Gregório	049	24L 225748	8898784	Lajes
47	Boqueirão do Umbuzeiro	050	24L 234367	8898787	Lajes
48	Boqueirão do Riacho do Mateus	051	24L 232888	8897299	Lajes
49	Boqueirão do Lúcio	052	24L 245174	8891958	Limoeiro da Batateira
50	Boqueirão do Caldeirão do Limoeiro	053	24L 247995	8889509	Limoeiro da Batateira
51	Boqueirão do Poço Verde	054	24L248344	8889691	Limoeiro da Batateira
52	Boqueirão do Riacho do Angelim	055	24L 250414	8890126	Limoeiro da Batateira
53	Boqueirão do Caldeirão da Angélica	056	24L 251785	8890468	Limoeiro da Batateira
54	Boqueirão do Banguê	057	24L 241712	8883454	Limoeiro da Batateira
55	Boqueirão da Boa Esperança	058	24L 243377	8883215	Limoeiro da Batateira
56	Boqueirão da Engenhoca	059	24L 242969	8883412	Limoeiro da Batateira
57	Boqueirão da Cachoeirinha	060	24L 242908	8882318	Limoeiro da Batateira
58	Boqueirão do Oiti	061	24L 241695	8877671	Limoeiro da Batateira
59	Boqueirão das Antas	062	24L 245471	8878007	Limoeiro da Batateira
60	Boqueirão do Cândido	063	24L 247284	8877564	Limoeiro da Batateira
61	Grota do Careta da Cabeluda	064	24L 240518	8898596	Cabeluda
62	Boqueirão dos Sítios Novos	065	24L 236853	8897569	Cabeluda
63	Boqueirão dos Caboclos	066	24L 241990	8896526	Cabeluda
64	Boqueirão do José Antônio	067	24L 244691	8895120	Cabeluda
65	Serrote da Mina da Cabeluda	068	24L 242592	8894268	Cabeluda
66	Boqueirão do Daniel	069	24L 243382	8894097	Cabeluda
67	Serrote da Pedra Lisa	070	24L 242435	8893732	Cabeluda
68	Boqueirão do Mocambo	071	24L 228405	8875896	Cabeluda
69	Boqueirão do Riacho do Meio	072	24L 229448	8875999	Cabeluda
70	Boqueirão da Vereda do Mari	073	24L 232910	8876768	Cabeluda
71	Boqueirão da Água Clara	074	24L 233834	8877715	Cabeluda
72	Boqueirão do Caldeirão dos Negros	075	24L 236121	8874728	Mimoso
73	Boqueirão da Matrinxã	076	24L 241837	8872507	Mimoso
74	Boqueirão da Gangorra	077	24L 235016	8865666	Mimoso
75	Boqueirão do Salgado	078	24L 250034	8866558	Mimoso
76	Boqueirão da Barreira Preta	079	24L 240398	8862876	Mimoso
77	Boqueirão do Brejo	080	24L 254674	8865230	Mimoso
78	Serrote do Brejinho	081	24L 232530	8856102	Alegre
79	Serrote do Brejo do Zeca	082	24L 229959	8856154	Alegre
80	Serrote do João Paixão	083	24L 230870	8855429	Alegre
81	Boqueirão do Livino	084	24L 228693	8853970	Alegre
82	Boqueirão do Riacho da Gruna	085	24L 221131	8820948	Gruna
83	Boqueirão do Grotão	086	24L 222002	8819770	Gruna
84	Boqueirão do Caldeirão da Onça	087	24L 195571	8894444	Lagoa do Mari
85	Boqueirão do Batedor	088	24L 203517	8891431	Lagoa do Mari
86	Boqueirão do Caboclo	089	24L 204485	8892332	Lagoa do Mari
87	Boqueirão do Riacho do Jatobá	090	24L 206046	8892975	Lagoa do Mari
88	Boqueirão dos Prazeres	091	24L 225147	8874245	Lagoa do Mari
89	Boqueirão da Descoberta	092	24L 225240	8872847	Lagoa do Mari

90	Boqueirão da Catuaba	093	24L 221466	8870945	Lagoa do Mari
91	Boqueirão da Mulata	094	24L 222453	8869514	Lagoa do Mari
92	Boqueirão da Candeia	095	24L 223214	8868784	Lagoa do Mari
93	Serrote da Toca Preta	096	24L 224130	8869421	Lagoa do Mari
94	Boqueirão do Cícero Macambira	097	24L 225505	8870849	Lagoa do Mari
95	Boqueirão do Quirino	098	24L 227202	8872675	Lagoa do Mari
96	Serrote dos Caboclos	099	24L 228992	8871604	Lagoa do Mari
97	Serrote do Pau D'arco	100	24L 227734	8870598	Lagoa do Mari
98	Boqueirão do Riacho da Bananeira	101	24L 217585	8867834	Lagoa do Mari
99	Serrote das Tocas de Caçador	102	24L 219416	8865949	Lagoa do Mari
100	Boqueirão do Moxotó	103	24L 220228	8866058	Lagoa do Mari
101	Boqueirão do Riacho da Santana	104	24L 213648	8862946	Brejo da Brásida
102	Boqueirão do Soem	105	24L 214377	8862683	Brejo da Brásida
103	Boqueirão da Toca	106	24L 215783	8861995	Brejo da Brásida
104	Serrote do Pergentino	107	24L 215366	8859687	Brejo da Brásida
105	Boqueirão da Canoa	108	24L 214651	8858866	Brejo da Brásida
106	Boqueirão da Imbaúba	109	24L 213742	8857745	Brejo da Brásida
107	Boqueirão do Antônio Joaquim	110	24L 214355	8857530	Brejo da Brásida
108	Boqueirão do João de França	111	24L 208247	8855647	Brejo da Brásida
109	Boqueirão do Riacho das Minas	112	24L 212813	8856355	Brejo da Brásida
110	Serrote dos Dois Irmãos	113	24L 220899	8856387	Brejo da Brásida
111	Boqueirão dos Animais	114	24L 208533	8852176	Brejo da Brásida
112	Boqueirão da Baixa da Caiçara	115	24L 215025	8846181	Brejo da Brásida
113	Boqueirão da Floresta	116	24L 217763	8845981	Brejo da Brásida
114	Boqueirão do Riacho da Gameleira	117	24L 209240	8830154	Sanharó
115	Boqueirão do Riacho do Sapateiro	118	24L 206543	8828775	Sanharó
116	Boqueirão do Poço do Negro	119	24L 205553	8828089	Sanharó
117	Boqueirão da Águia Chilena	120	24L 207488	8824682	Sanharó
118	Lagoa Encantada	121	24L 206871	8822884	Sanharó
119	Boqueirão do Riacho da Baixinha	122	24L 209186	8821741	Sanharó
120	Boqueirão da Pedra Escrita	123	24L 209292	8820751	Sanharó
121	Boqueirão do Choro	124	24L 211181	8820220	Sanharó
122	Boqueirão do Tonhão	125	23L 820620	8889819	Ponta D'Água
123	Boqueirão do Olho D'água do Tonheira	126	23L 823128	8891567	Ponta D'Água
124	Boqueirão do Jatobazinho	127	24L 171714	8893379	Ponta D'Água
125	Boqueirão da Marreca	128	24L 173848	8887461	Ponta D'Água
126	Boqueirão da Serra do Tabuleiro Alto	129	23L 807799	8888053	Cajuí
127	Boqueirão do Sítio do Padre	130	24L 180933	8908704	Itapera
128	Boqueirão da Itamorena	131	24L 178283	8906168	Itapera
129	Grota do Brejo dos Paes	132	24L 198150	8901633	Riacho dos Paes
130	Grota do Olho de Pomba	133	24L 195613	8899117	Riacho dos Paes
131	Boqueirão da Casa de Pedra	134	24L 199283	8899343	Riacho dos Paes
132	Boqueirão do Riacho da Palmeira	135	24L 207925	8904282	Riacho dos Paes
133	Boqueirão da Toca de Nosso Senhor	136	24L 173340	8892618	Cumbe
134	Boqueirão do Boiadeiro	137	24L 175347	8893010	Cumbe
135	Boqueirão da Entrada do Cajuí	138	24L 177172	8893207	Cumbe
136	Boqueirão do Pinga do Jatobá	139	24L 179777	8889621	Cumbe

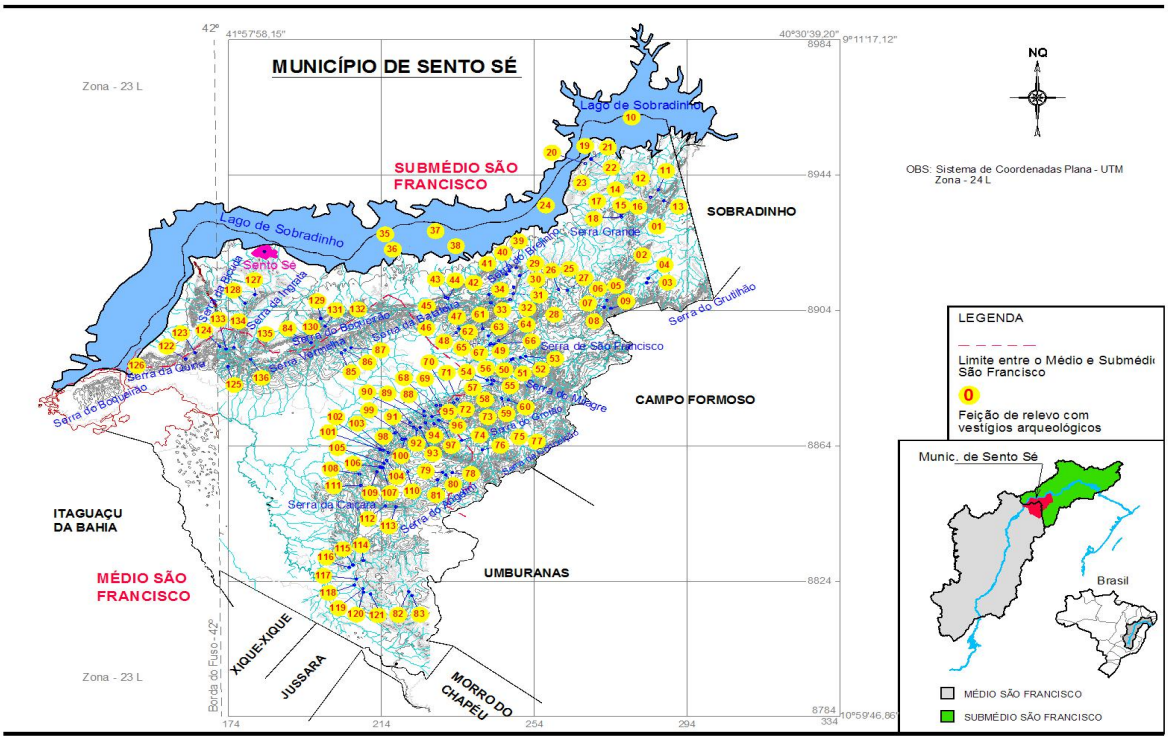


Figura 1 – Feições de relevo com vestígios arqueológicos no Município de Sento Sé – BA

Autoria: Flávio Barros, 2011; Fonte: Kestering, 2011

Quadro 2 - Feições de relevo com painéis da Tradição Nordeste, no Município de Sento Sé - BA

Nº.	Feição de Relevo	Ficha	UTML	UTMN	Povoado
01	Boqueirão do Cara Olho	034	24L 248541	8909007	Brejo da Martinha
02	Boqueirão do Brejo da Martinha	035	24L 247669	8907241	Brejo da Martinha
03	Boqueirão do Careta do Brejinho	036	24L 242649	8906282	Brejo da Martinha
04	Boqueirão do Umbuzeiro	050	24L 234367	8898787	Lajes
05	Boqueirão do Riacho do Mateus	051	24L 232888	8897299	Lajes
06	Boqueirão do Caldeirão da Angélica	056	24L 251785	8890468	Limoeiro da Batateira
07	Boqueirão do Oiti	061	24L 241695	8877671	Limoeiro da Batateira
08	Boqueirão das Antas	062	24L 245471	8878007	Limoeiro da Batateira
09	Grota do Careta da Cabeluda	064	24L 240518	8898596	Cabeluda
10	Boqueirão dos Sítios Novos	065	24L 236853	8897569	Cabeluda
11	Boqueirão dos Caboclos	066	24L 241990	8896526	Cabeluda
12	Boqueirão do José Antônio	067	24L 244691	8895120	Cabeluda
13	Boqueirão da Vereda do Mari	073	24L 232910	8876768	Cabeluda
14	Boqueirão da Água Clara	074	24L 233834	8877715	Cabeluda
15	Serrote do Brejo do Zeca	082	24L 229959	8856154	Alegre
16	Serrote da Toca Preta	096	24L 224130	8869421	Lagoa do Mari
17	Serrote do Pau D'arco	100	24L 227734	8870598	Lagoa do Mari
18	Boqueirão do João de França	111	24L 208247	8855647	Brejo da Brásida
19	Boqueirão do Riacho das Minas	112	24L 212813	8856355	Brejo da Brásida

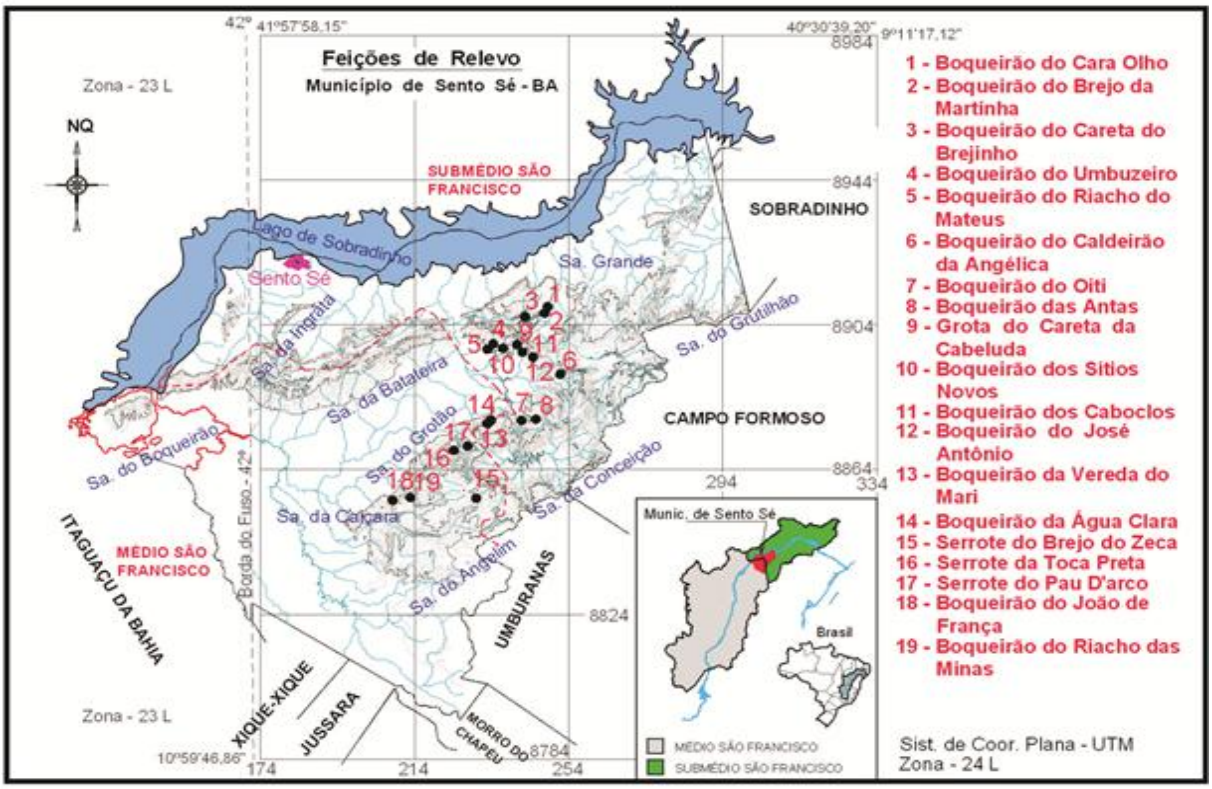


Figura 2 – Distribuição espacial dos sítios arqueológicos com painéis de pintura rupestre da Tradição Nordeste no Município de Sento Sé – BA

Fonte: Autoria: Flávio Barros, 2012

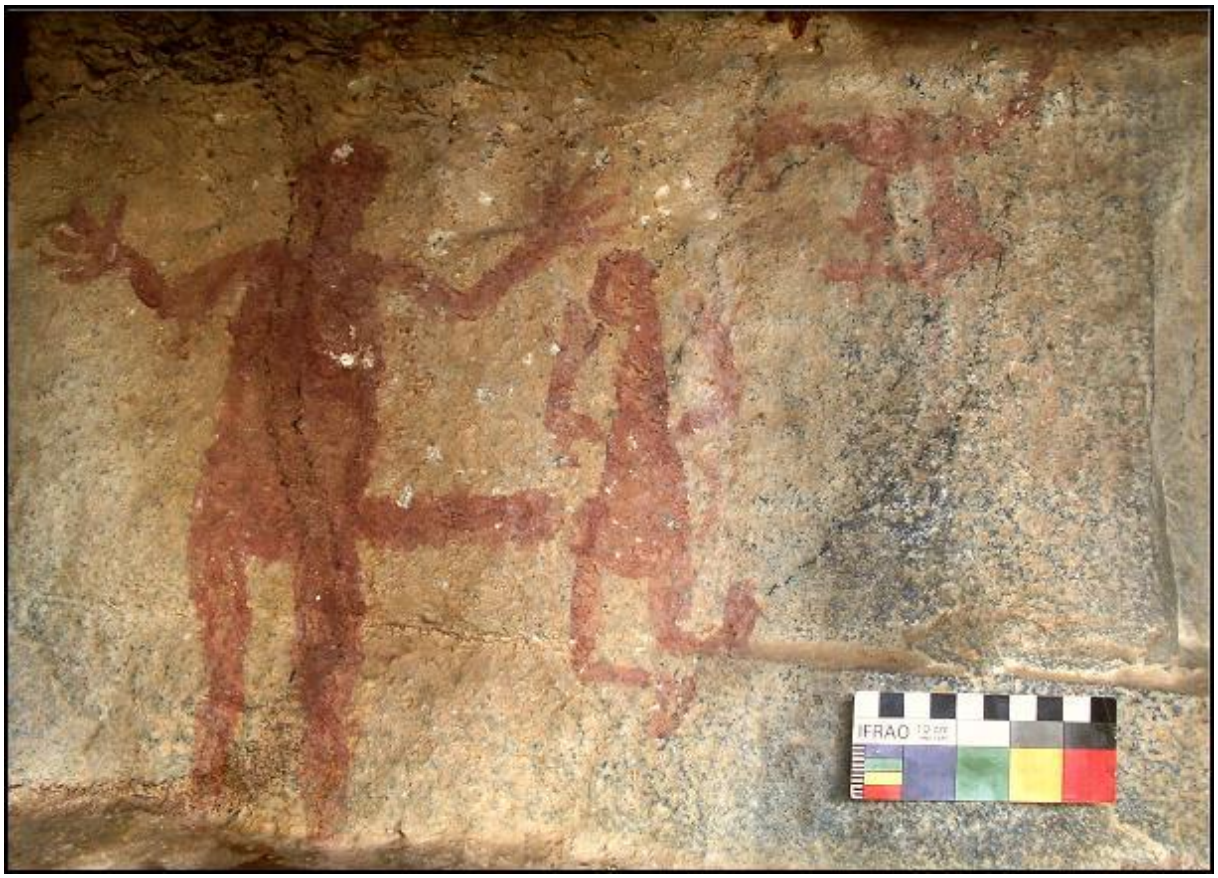


Figura 3 – Boqueirão do Cara Olho, em Brejo da Martinha, Sento Sé – BA



Figura 4 - Boqueirão do Brejo da Martinha, em Sento Sé - BA



Figura 5 – Boqueirão do Careta do Brejinho, em Brejo da Martinha, Sento Sé - BA



Figura 6 – Boqueirão do Umbuzeiro, em Lajes, Sento Sé – BA



Figura 7 – Boqueirão do Riacho do Mateus, em Lajes, Sento Sé – BA

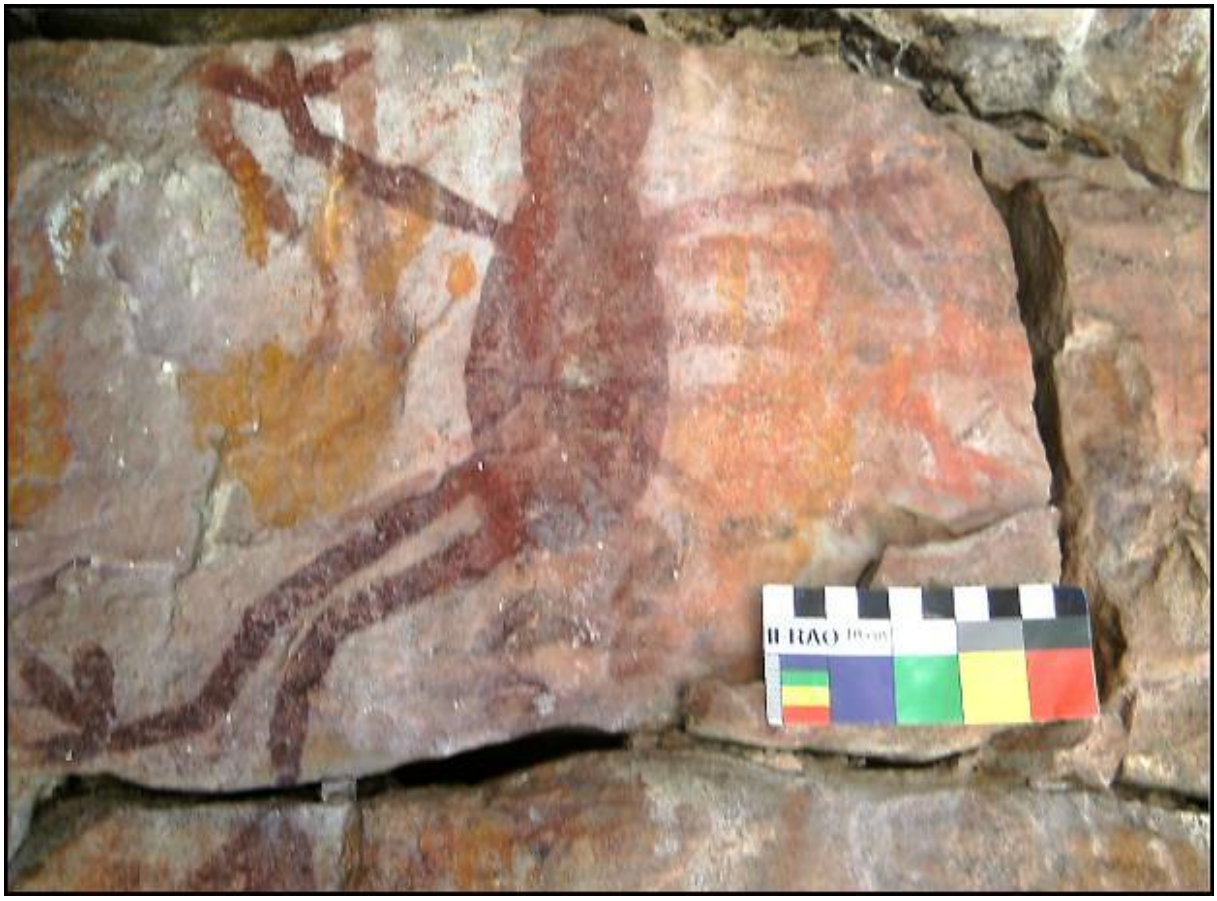


Figura 8 – Boqueirão do Riacho do Mateus, em Lajes, Sento Sé – BA



Figura 9 – Boqueirão do Riacho do Mateus, em Lajes, Sento Sé – BA



Figura 10 – Boqueirão do Caldeirão da Angélica, em Limoeiro da Batateira, Sento Sé – BA

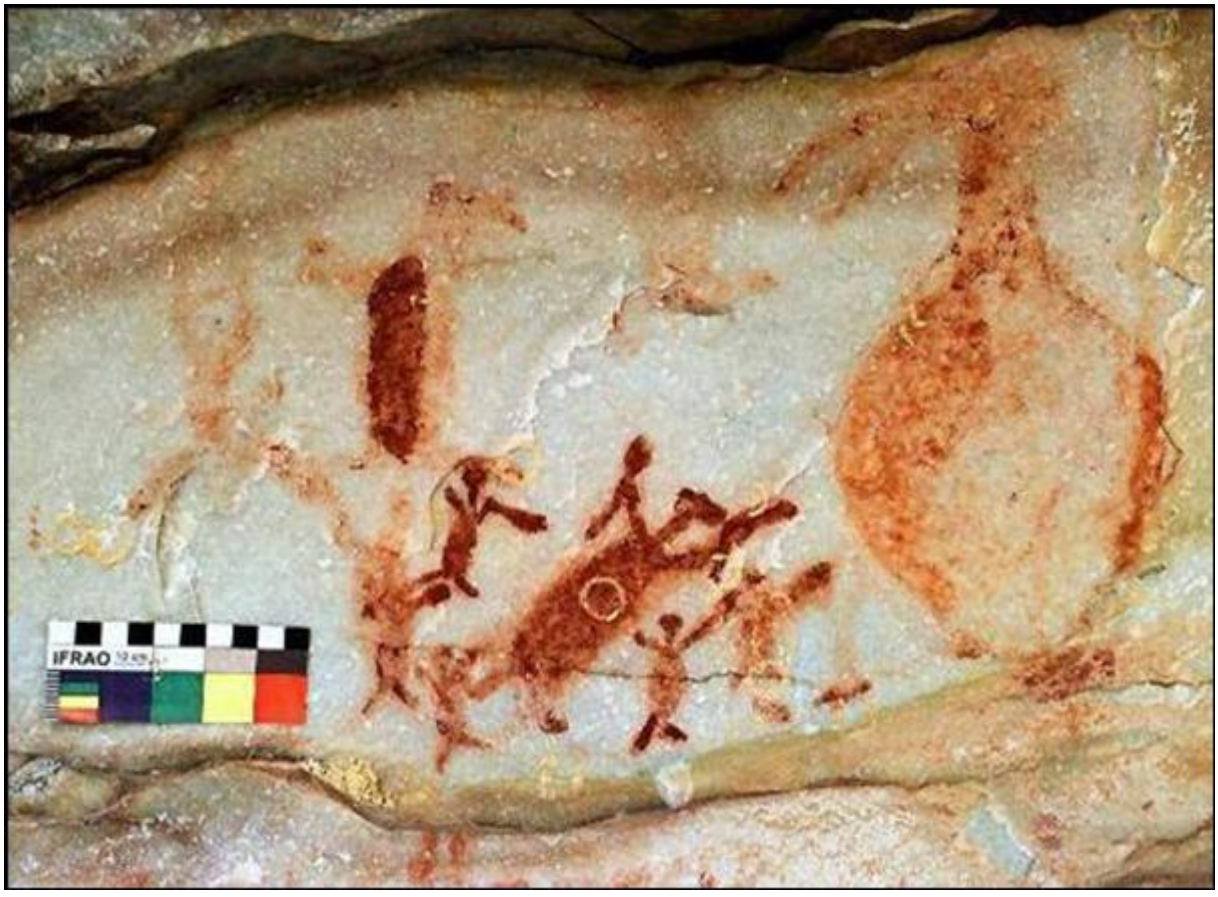


Figura 11 – Boqueirão do Oiti, em Limoeiro da Batateira, Sento Sé – BA

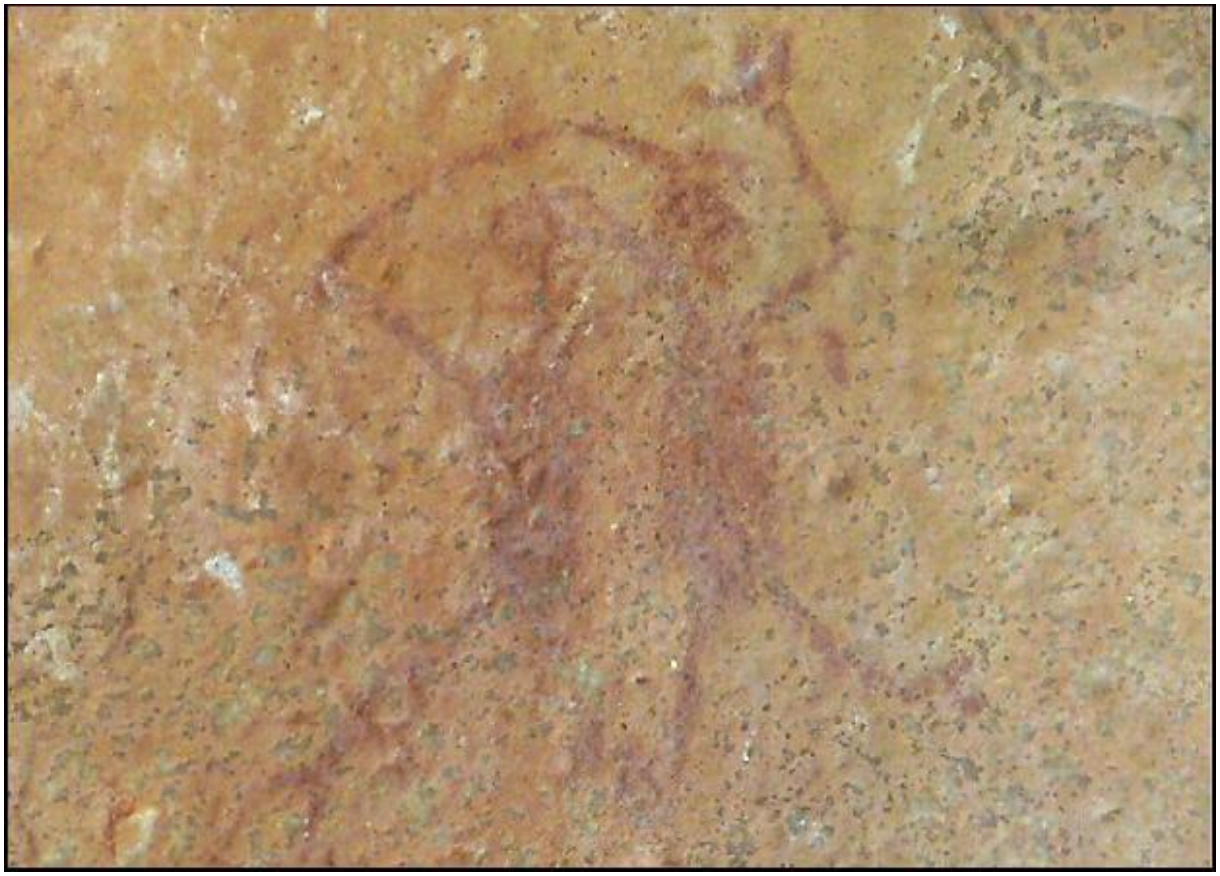


Figura 12 – Boqueirão do Oiti, em Limoeiro da Batateira, Sento Sé – BA

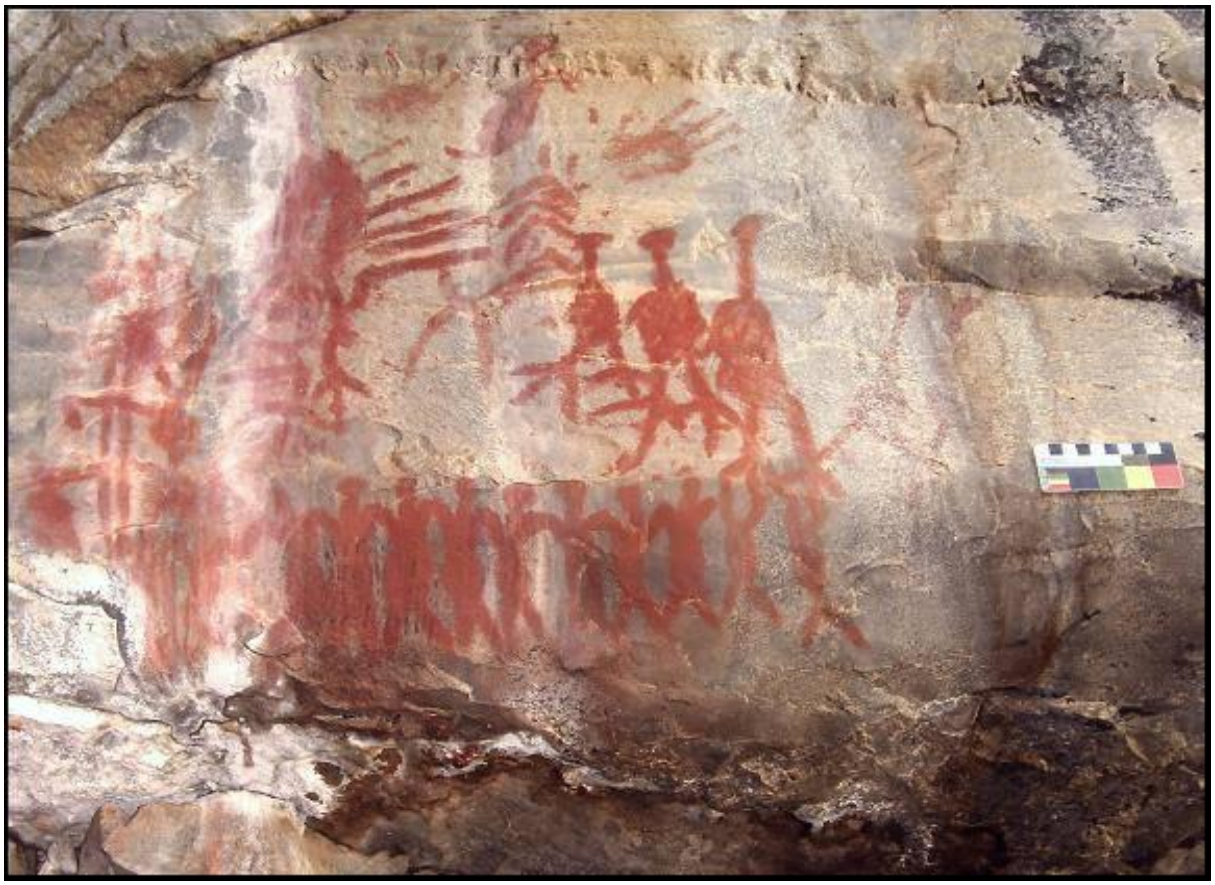


Figura 13 – Boqueirão das Antas, em Limoeiro da Batateira, Sento Sé - BA



Figura 14 – Boqueirão dos Sítios Novos, em Cabeluda, Sento Sé – BA

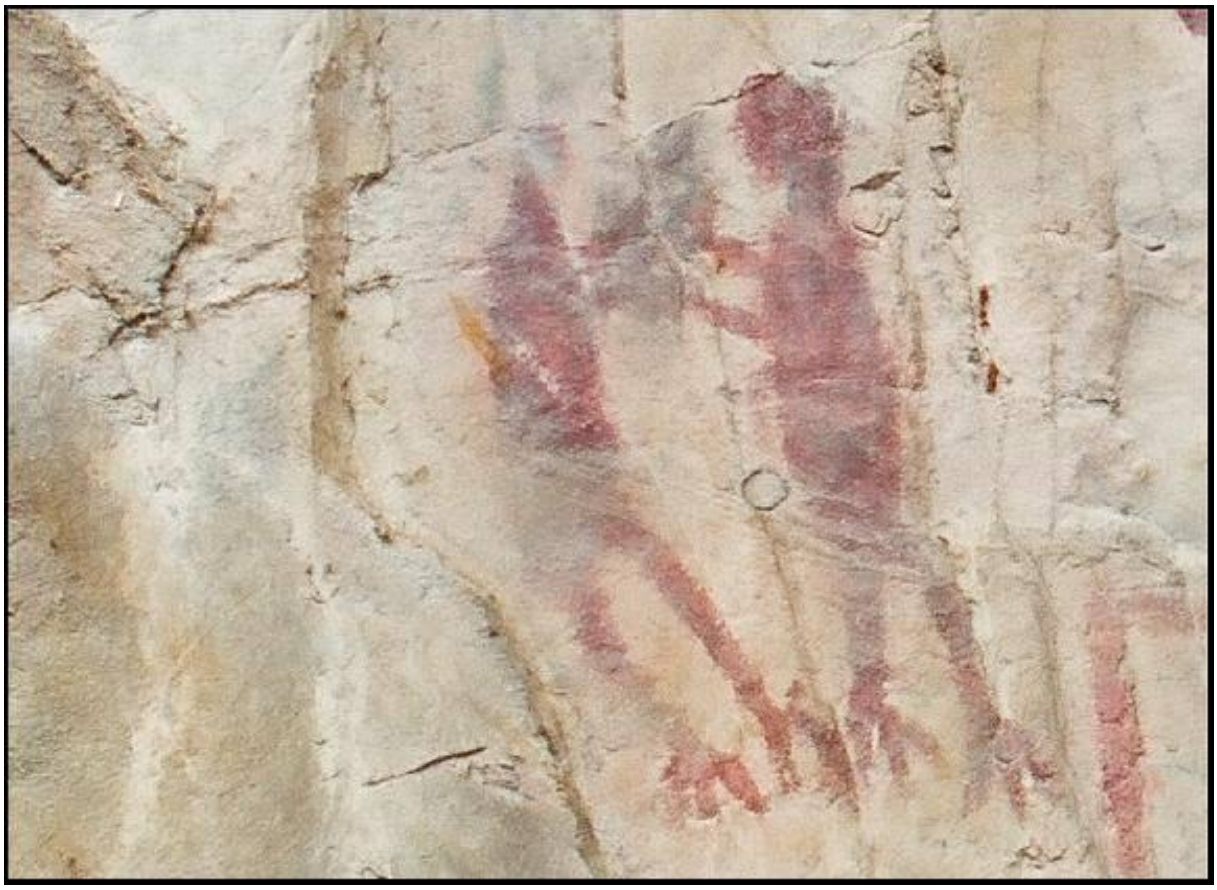


Figura 15 – Boqueirão dos Sítios Novos, em Cabeluda, Sento Sé - BA



Figura 16 – Boqueirão dos Sítios Novos, em Cabeluda, Sento Sé – BA

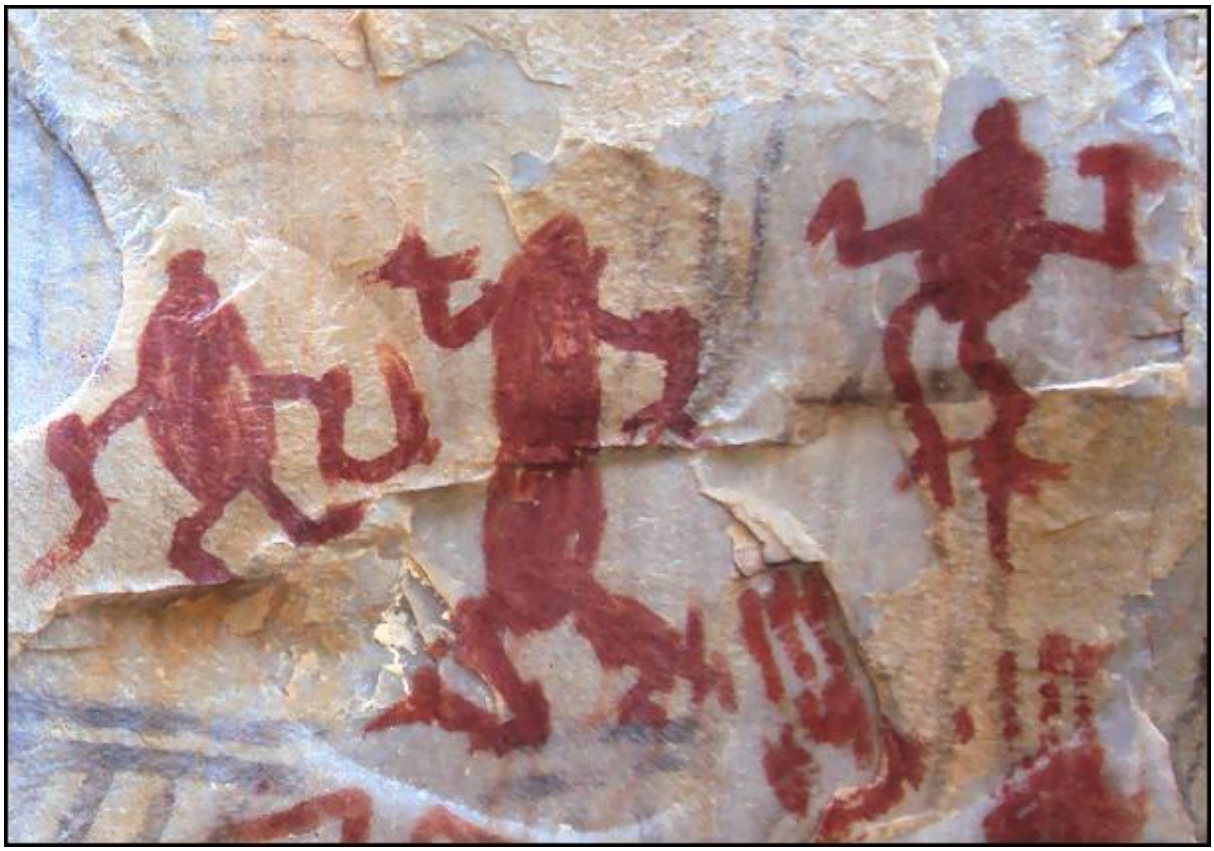


Figura 17 – Boqueirão dos Sítios Novos, em Cabeluda, Sento Sé – BA



Figura 18 – Boqueirão dos Sítios Novos, em Cabeluda, Sento Sé – BA



Figura 19 – Boqueirão dos Sítios Novos, em Cabeluda, Sento Sé – BA

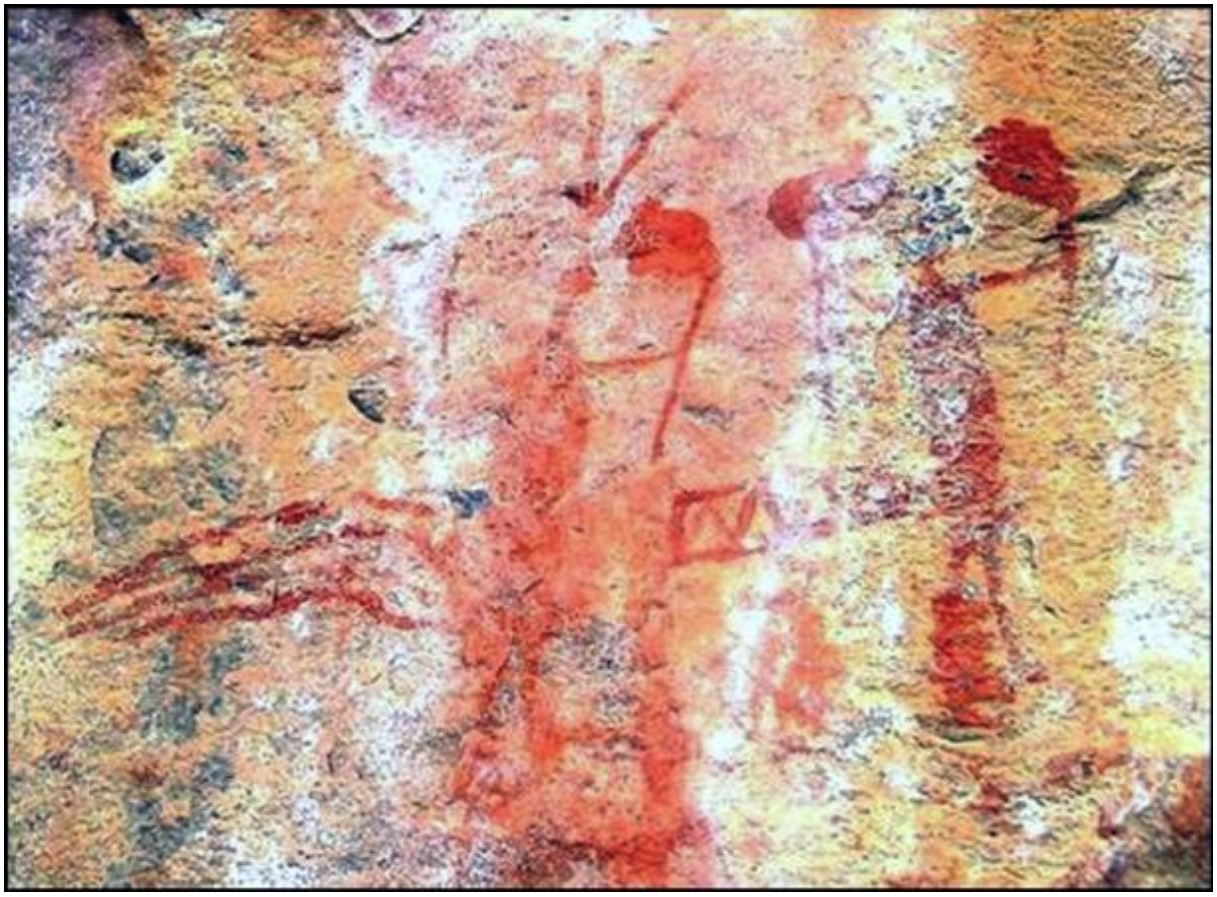


Figura 20 – Boqueirão dos Caboclos, em Cabeluda, Sento Sé – BA



Figura 21 – Boqueirão dos Caboclos, em Cabeluda, Sento Sé – BA

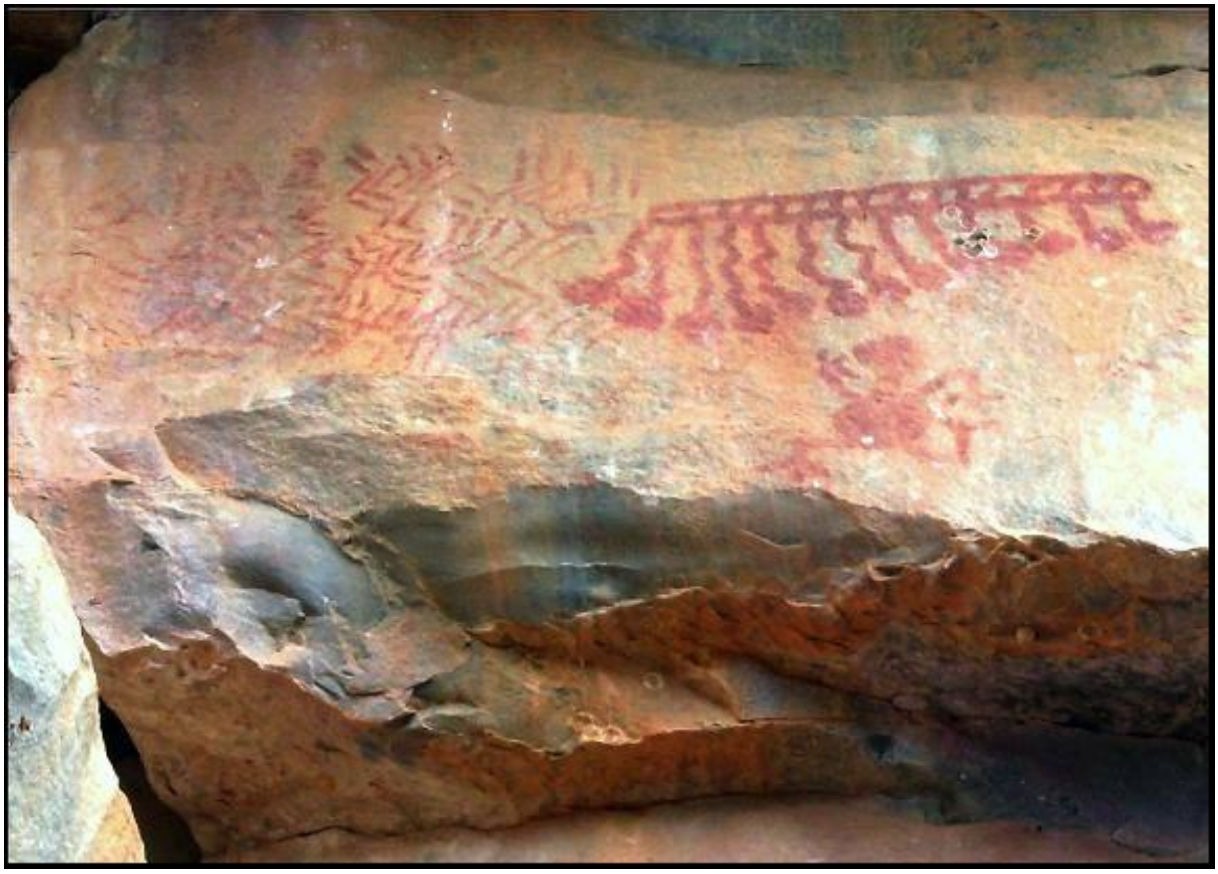


Figura 22 – Boqueirão dos Caboclos, em Cabeluda, Sento Sé – BA



Figura 23 – Boqueirão dos Caboclos, em Cabeluda, Sento Sé - BA



Figura 24 – Boqueirão dos Caboclos, em Cabeluda, Sento Sé – BA



Figura 25 – Boqueirão dos Caboclos, em Cabeluda, Sento Sé – BA



Figura 26 – Boqueirão dos Caboclos, em Cabeluda, Sento Sé – BA



Figura 27 – Boqueirão dos Caboclos, em Cabeluda, Sento Sé – BA



Figura 28 – Boqueirão dos Caboclos, em Cabeluda, Sento Sé – BA



Figura 29 – Boqueirão dos Caboclos, em Cabeluda, Sento Sé – BA

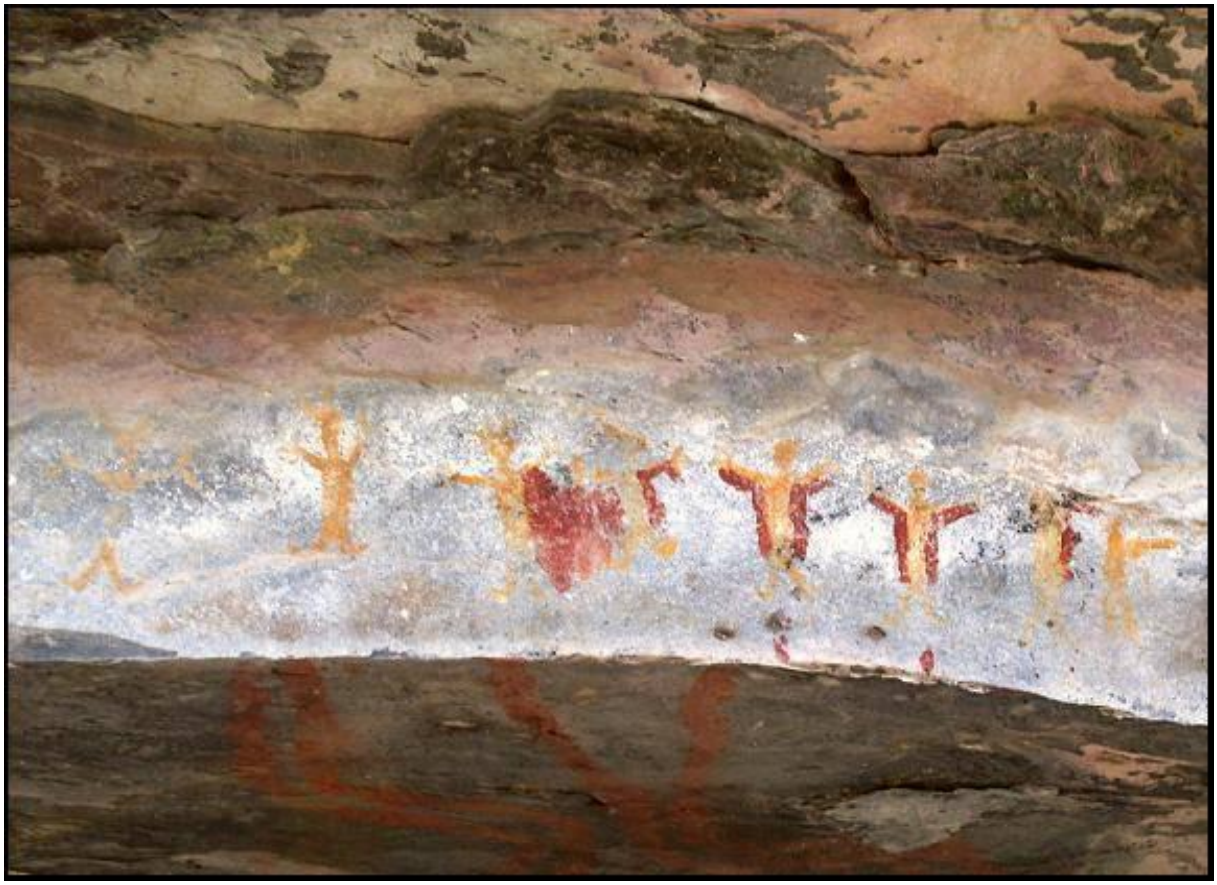


Figura 30 – Boqueirão do José Antônio, em Cabeluda, Sento Sé - BA

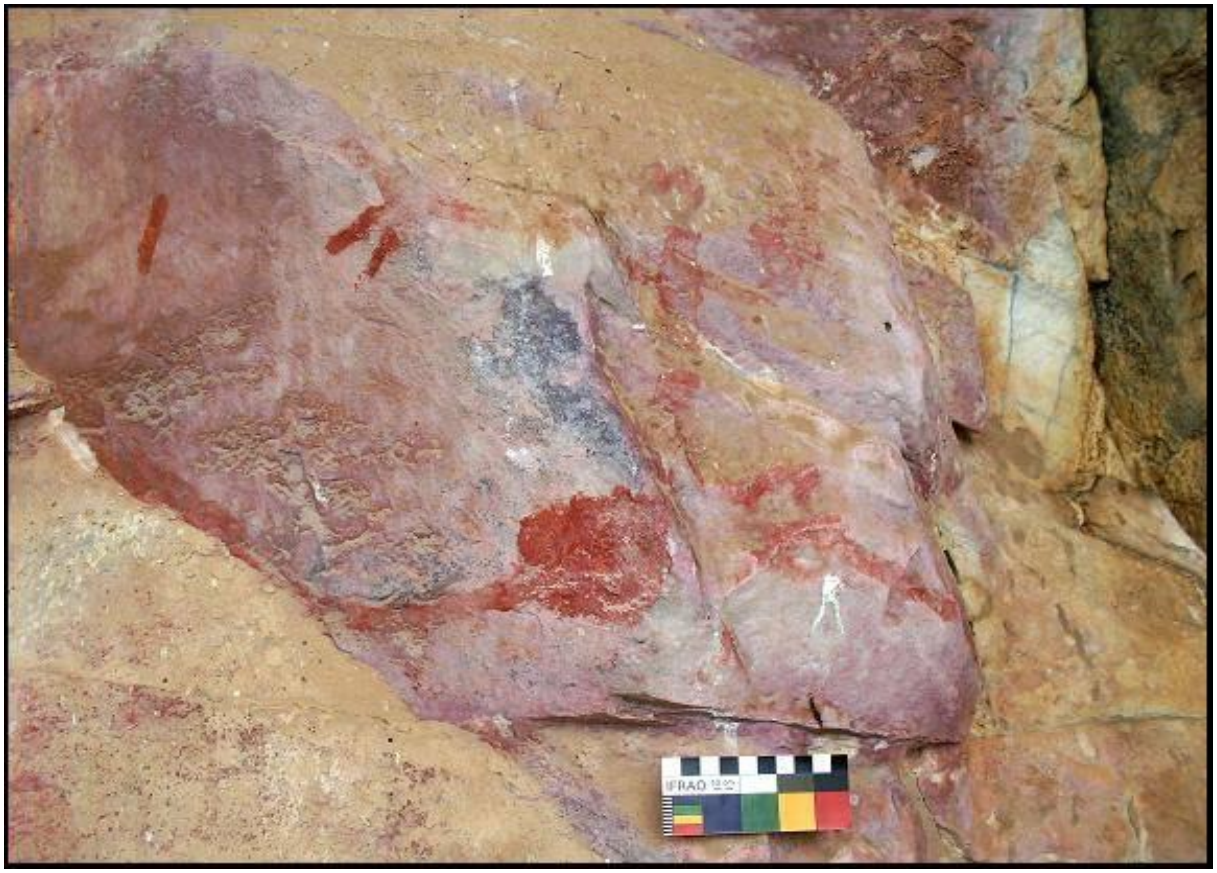


Figura 31 – Boqueirão do José Antônio, em Cabeluda, Sento Sé – BA

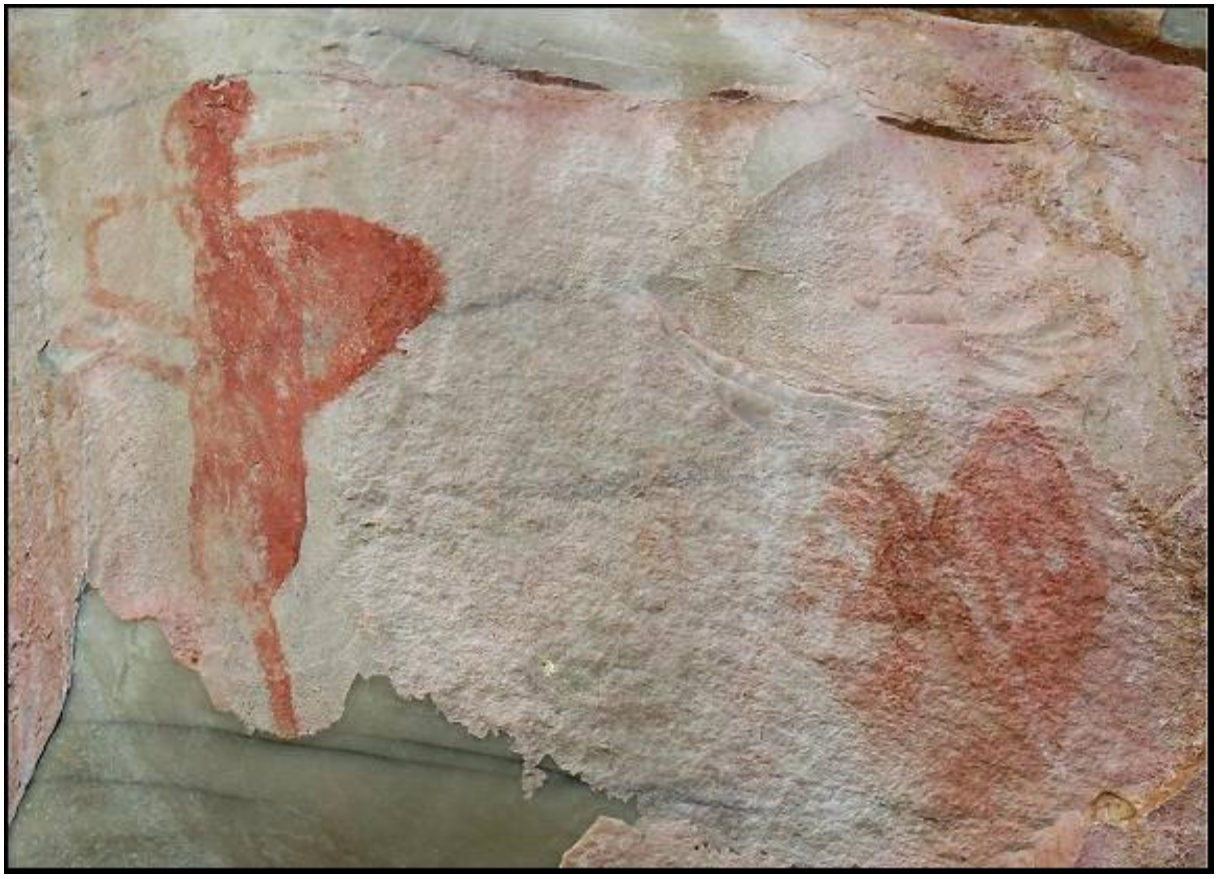


Figura 32 – Boqueirão do José Antônio, em Cabeluda, Sento Sé - BA



Figura 33 – Boqueirão da Vereda do Mari, em Cabeluda, Sento Sé – BA

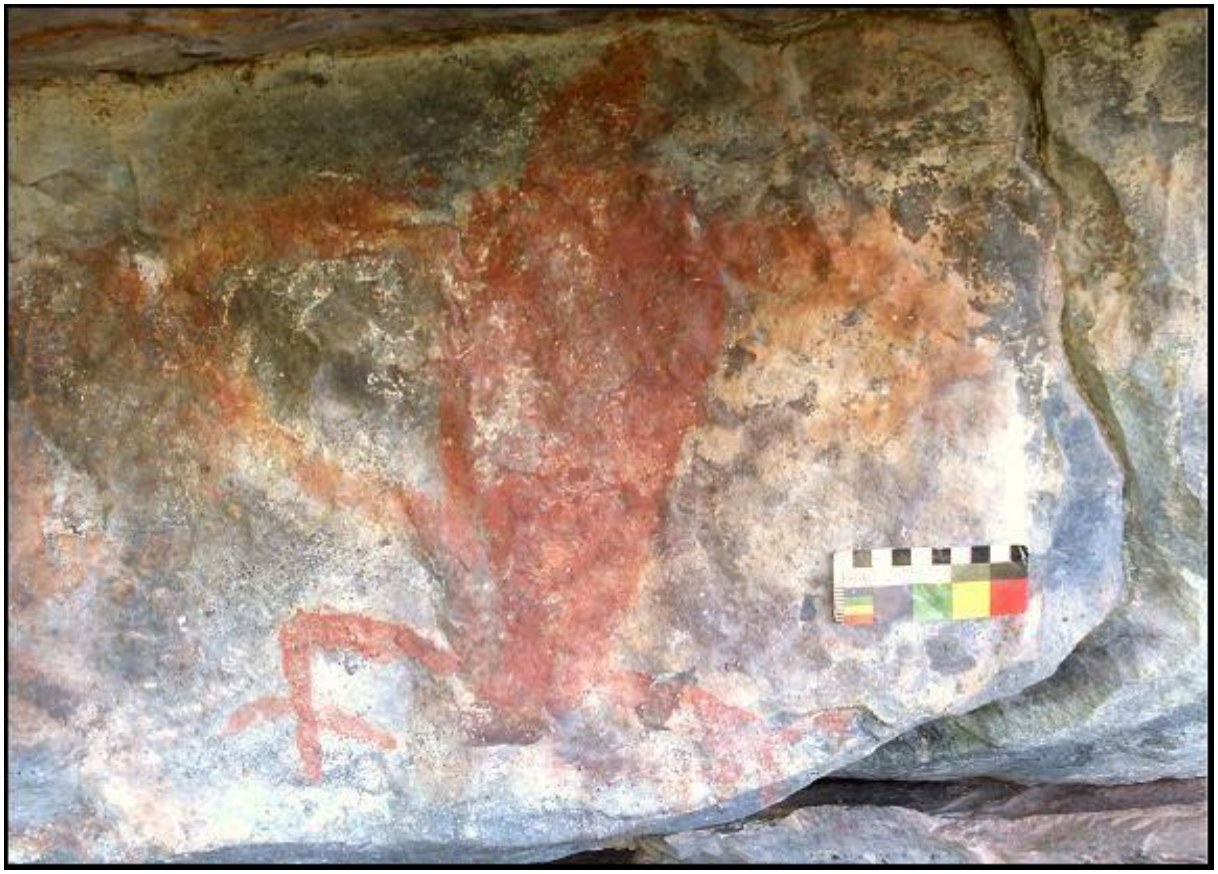


Figura 34 – Boqueirão da Vereda do Mari, em Cabeluda, Sento Sé – BA



Figura 35 – Boqueirão da Água Clara, em Cabeluda, Sento Sé – BA

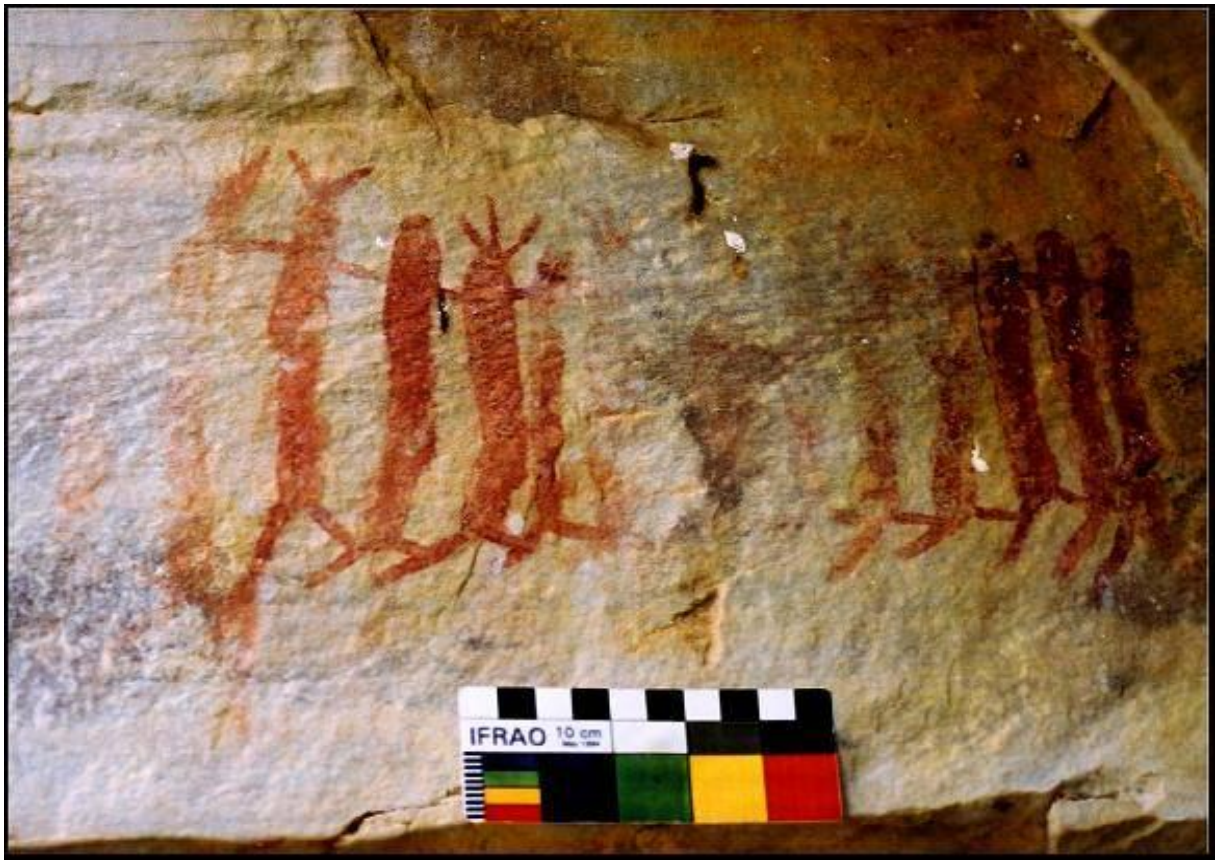


Figura 36 – Boqueirão do João de França, em Brejo da Brásida, Sento Sé – BA



Figura 37 – Boqueirão do João de França, em Brejo da Brásida, Sento Sé – BA



Figura 38 – Boqueirão do João de França, em Brejo da Brásida, Sento Sé – BA



Figura 39 – Boqueirão do João de França, em Brejo da Brásida, Sento Sé – BA



Figura 40 – Boqueirão do João de França, em Brejo da Brásida, Sento Sé – BA

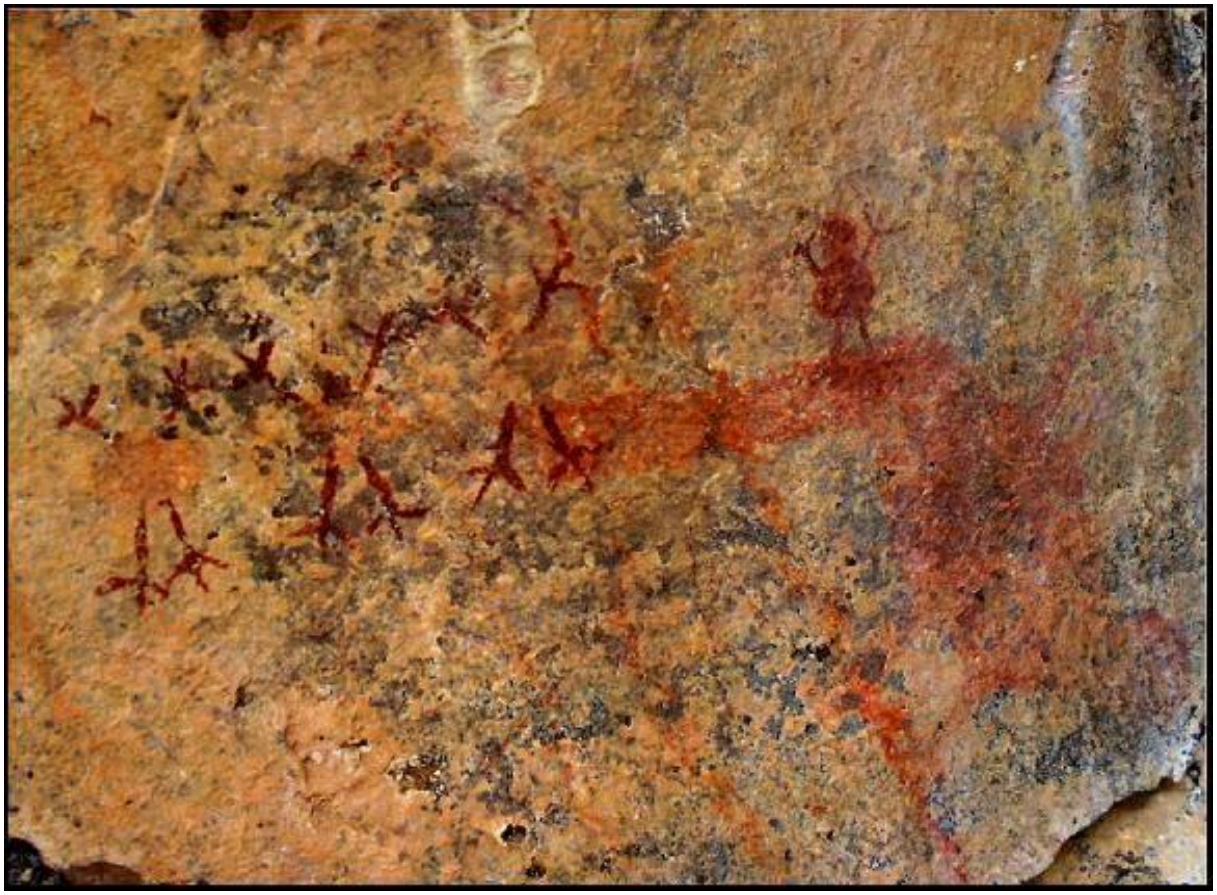


Figura 41 – Boqueirão do João de França, em Brejo da Brásida, Sento Sé - BA



Figura 42 – Boqueirão do Riacho das Minas, em Brejo da Brásida, Sento Sé – BA



Figura 43 – Boqueirão do Riacho das Minas, em Brejo da Brásida, Sento Sé – BA



Figura 44 – Boqueirão do Riacho das Minas, em Brejo da Brásida, Sento Sé – BA

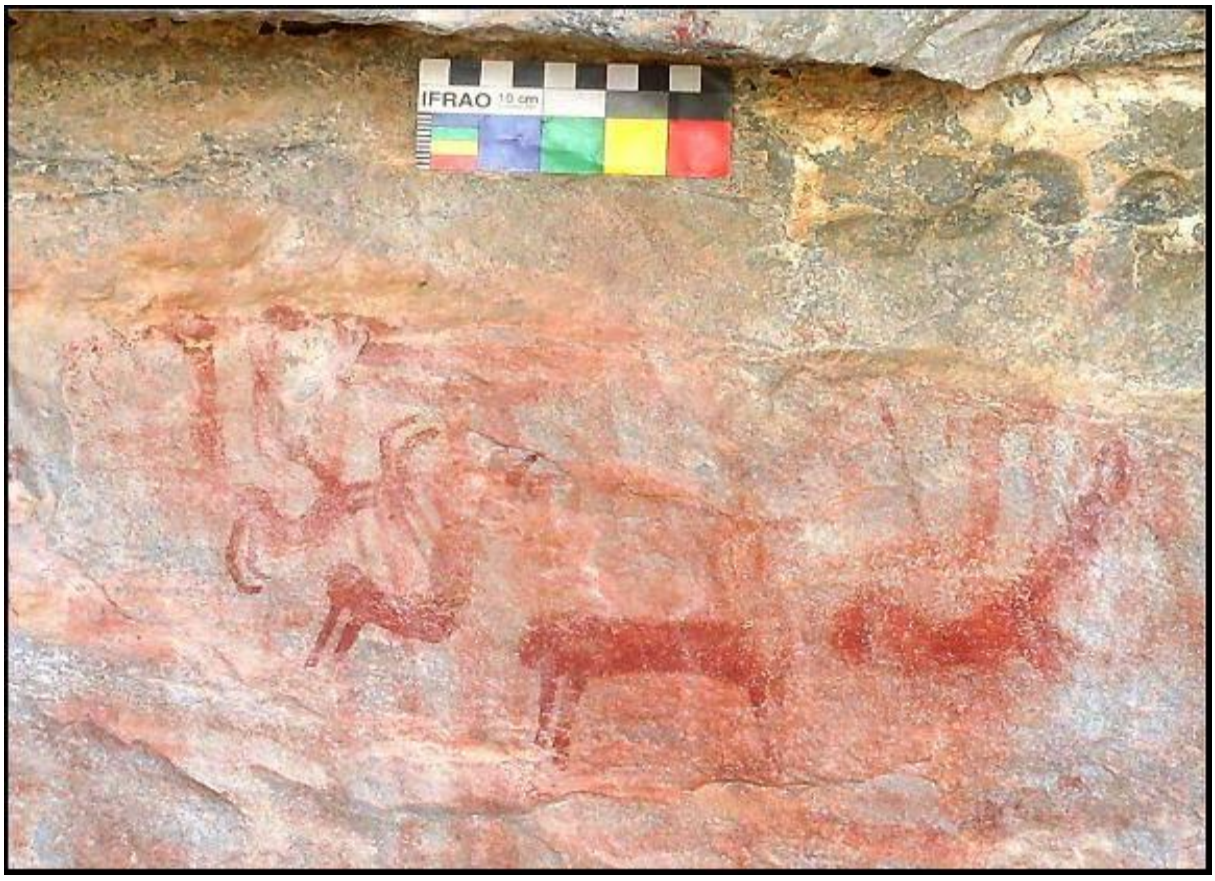


Figura 45 – Boqueirão do Riacho das Minas, em Brejo da Brásida, Sento Sé – BA

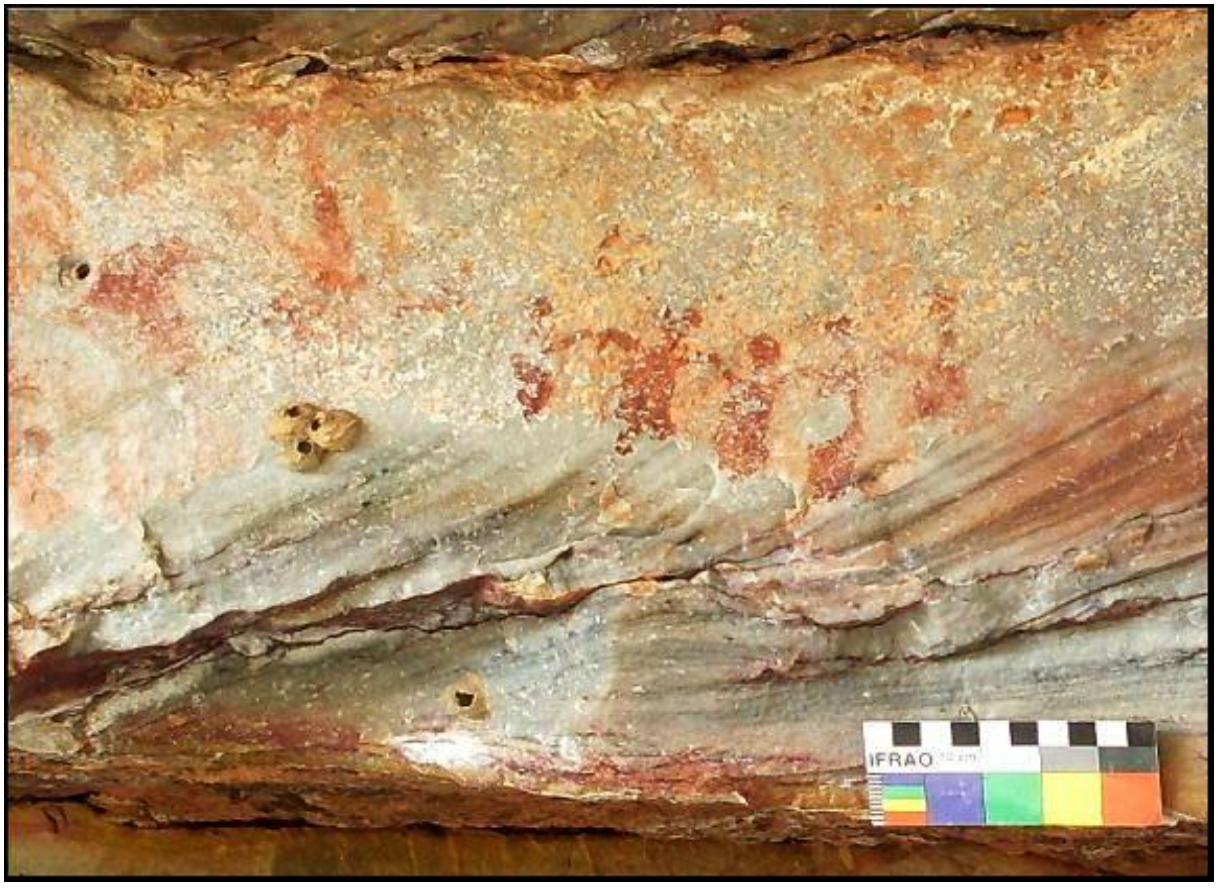


Figura 46 – Boqueirão do Riacho das Minas, em Brejo da Brásida, Sento Sé - BA



Figura 47 – Boqueirão do Riacho das Minas, em Brejo da Brásida, Sento Sé – BA



Figura 48 – Boqueirão do Riacho das Minas, em Brejo da Brásida, Sento Sé – BA



Figura 49 – Boqueirão do Riacho das Minas, em Brejo da Brásida, Sento Sé - BA

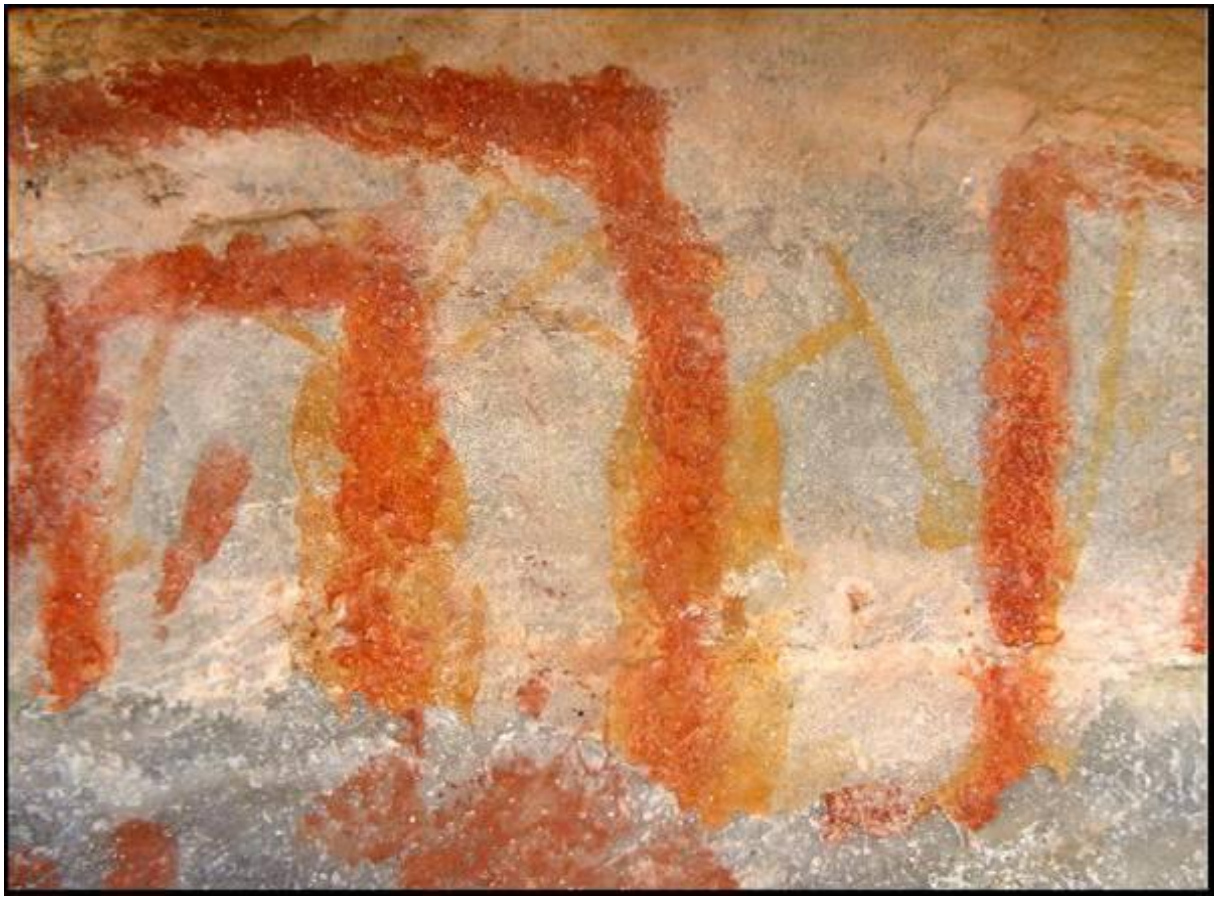


Figura 50 – Boqueirão do Riacho das Minas, em Brejo da Brásida, Sento Sé – BA

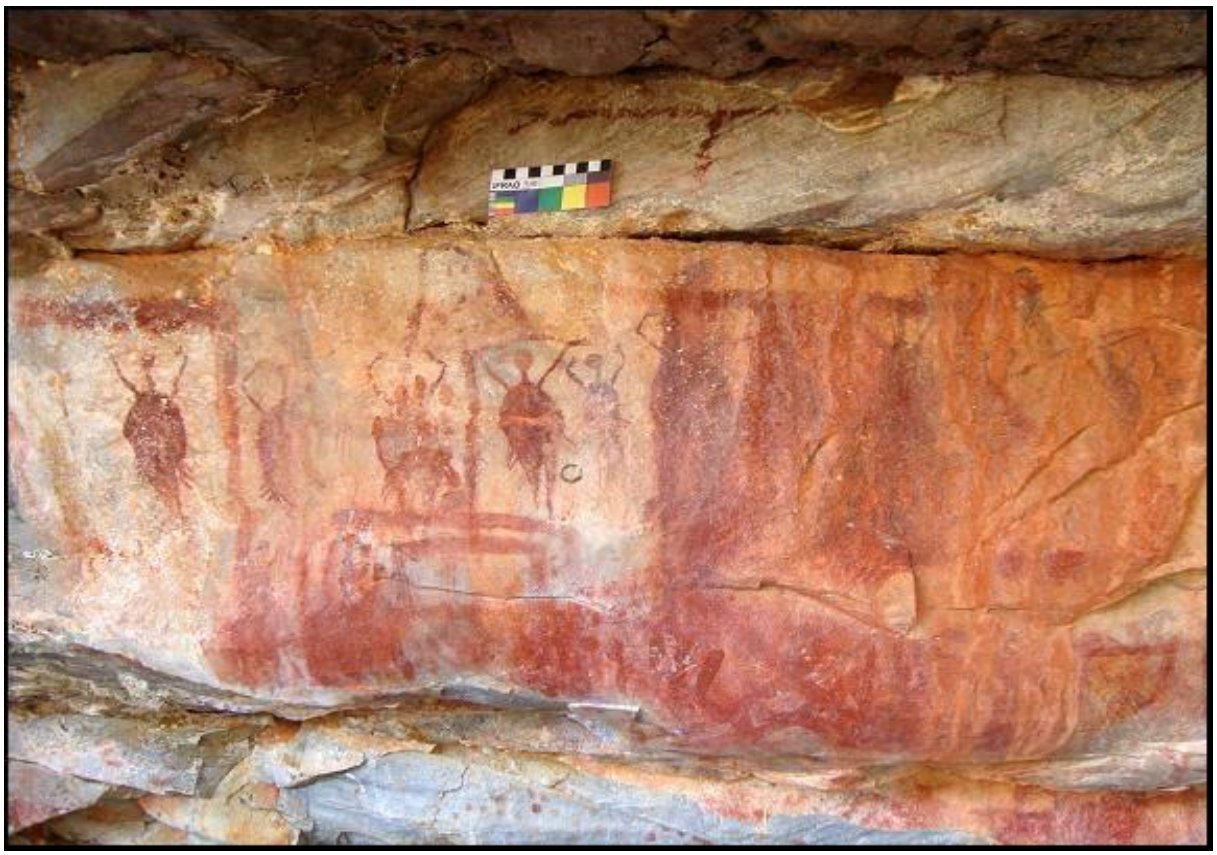


Figura 51 – Boqueirão do Riacho das Minas, em Brejo da Brásida, Sento Sé - BA



Figura 52 – Boqueirão do Riacho das Minas, em Brejo da Brásida, Sento Sé - BA



Figura 53 – Serrote do Brejo do Zeca, em Alegre, Sento Sé – BA



Figura 54 – Serrote da Toca Preta, em Lagoa do Mari, Sento Sé – BA



Figura 55 – Serrote do Pau d'Arco, em Lagoa do Mari, Sento Sé – BA



Figura 56 – Serrote do Pau d'Arco, em Lagoa do Mari, Sento Sé – BA



Figura 57 – Grota do Careta da Cabeluda, em Sento Sé – BA

5 CONTEXTUALIZAÇÃO

Em direção à foz do Rio São Francisco, na Toca do Tupiná, Serra do Olho d'Água, no município de Sobradinho – BA identificaram-se dois painéis de pintura rupestre da Tradição Nordeste, Subtradição Várzea Grande. Um deles apresenta técnica correspondente ao Estilo Serra da Capivara (Fig. 58) e o outro, ao Complexo Estilístico Serra Talhada. (Fig. 59).

No Vale do Catimbau, Município de Buíque – PE, Amaral (2007) identificou um painel da Tradição Nordeste (60) No Sítio Pedra da Concha, situado no mesmo vale e município, Barbosa (2007, p. 46) segregou dois painéis de pintura da Tradição Nordeste. Um deles, que representa uma corrente humana, vinculou ao Estilo Serra da Capivara, da Subtradição Várzea Grande (Fig. 61). O outro, que contem um grafismo reconhecível típico da Subtradição Seridó, filiou ao Estilo Carnaúba.

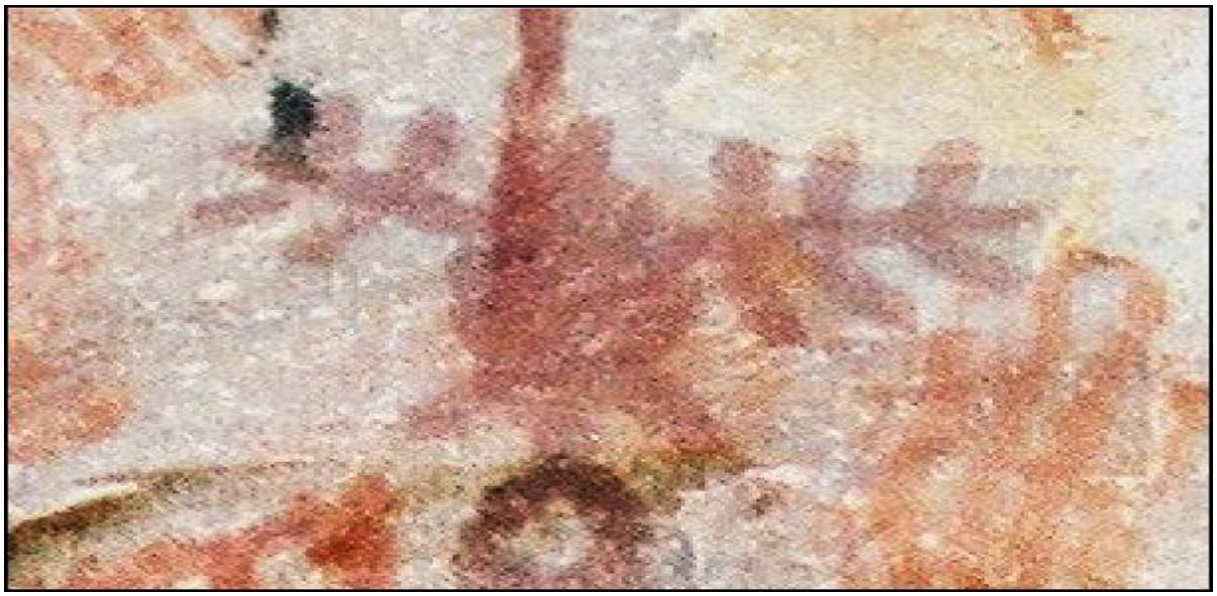


Figura 58 – Toca do Tupiná, Serra do Olho d'Água, Sobradinho – BA



Figura 59 – Toca do Tupiná, Serra do Olho d'Água, Sobradinho – BA



Figura 60 – Submédio São Francisco, no Estado de Pernambuco (Fonte: Amaral, 2007)

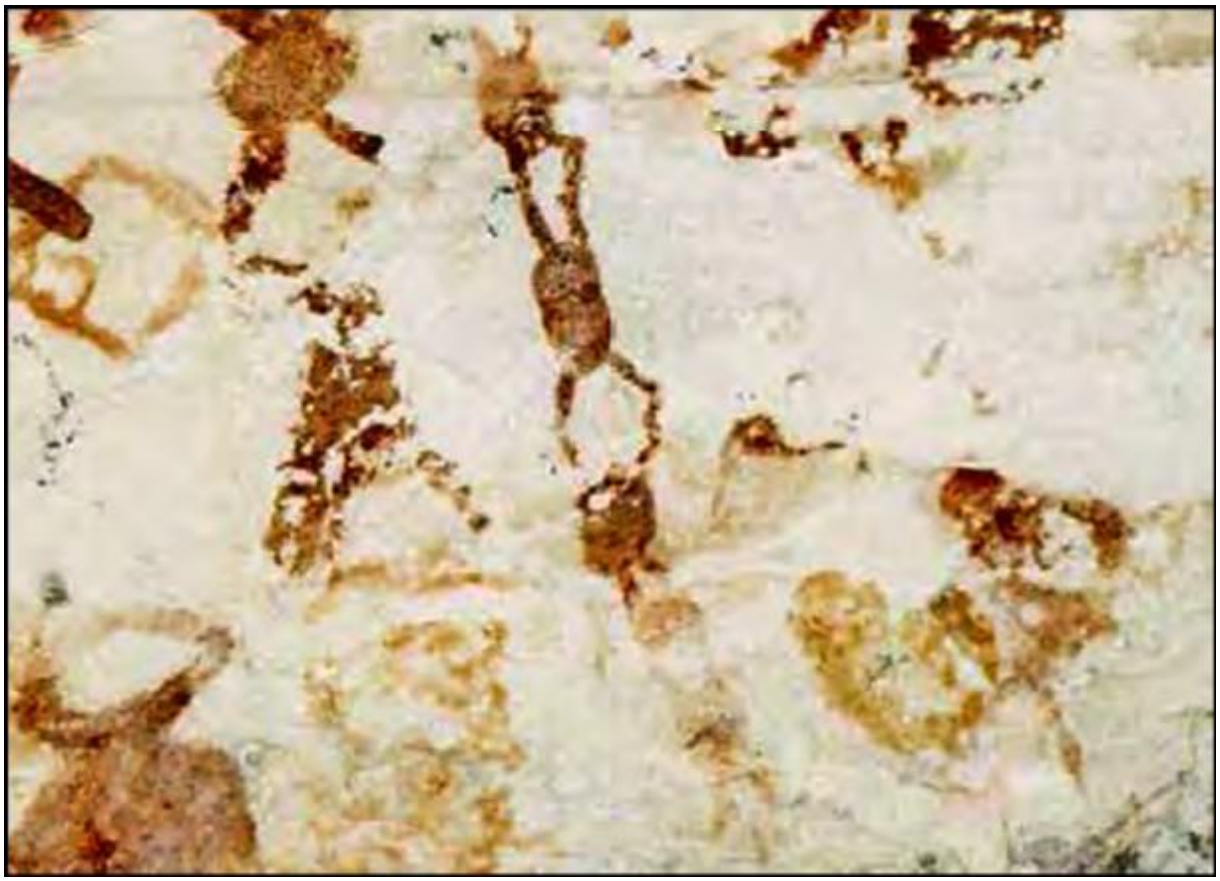


Figura 61 – Corrente humana, no Sítio Pedra da Concha, Buíque – PE
Fonte: Barbosa, 2007, p. 45

Ainda no Sítio Pedra da Concha, Barbosa (2007, p. 46) afirma ter encontrado "um grafismo de composição (piroga ou rede), típico do Estilo Carnaúba. (Fig. 62). Não se descarta a probabilidade de influências culturais de grupos do Vale do São Francisco na realização dessa temática. No Boqueirão do Riacho do Mateus, em Sento Sé, há uma pintura com temática semelhante à de figuras que se registram no painel da Subtradição Seridó. (Fig. 63).

No Sítio Homem sem Cabeça, situado a oeste da Serra do Coqueiro, também no Vale do Catimbau, Município de Buíque – PE, há um painel de pinturas rupestres da Tradição Nordeste. (Fig. 64). Trata-se de uma cena de guerra. Segundo Barbosa (2007, p. 50),

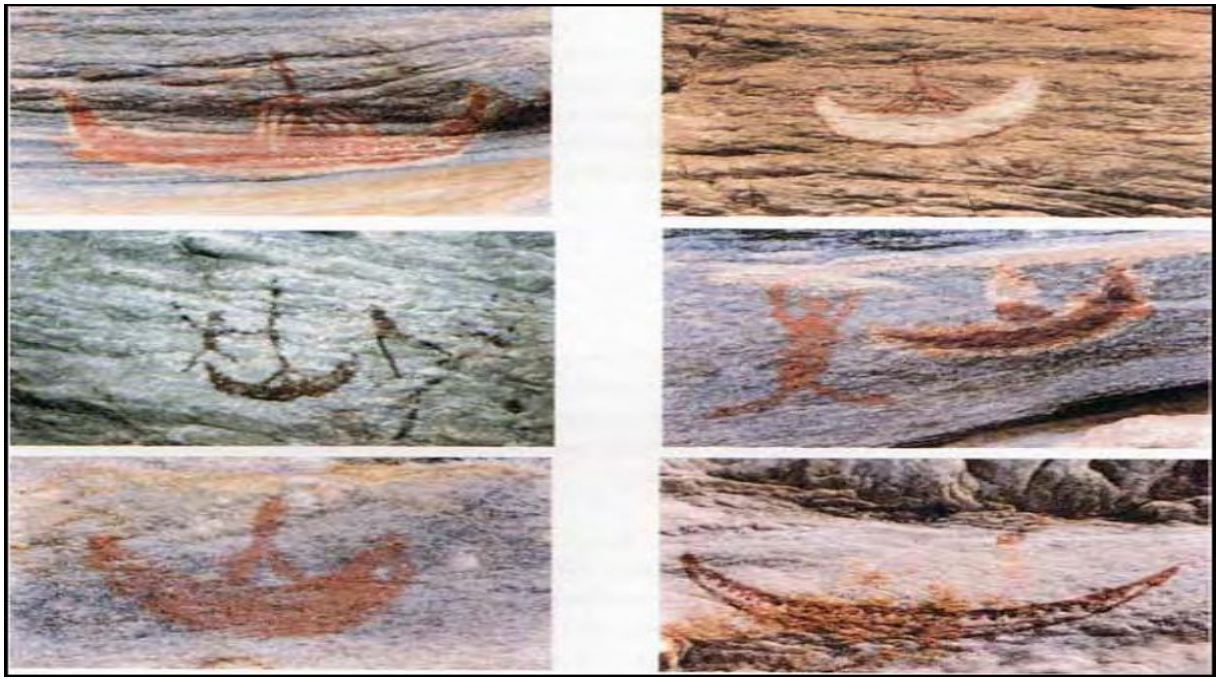


Figura 62 - Piroga ou rede, típico do estilo Carnaúba, de Carnaíba dos Dantas - RN (Fonte: Martin, 2003, apud Barbosa, 2007, p. 46)



Figura 63 – Piroga ou rede, Boqueirão do Riacho do Mateus, em Lajes, Sento Sé – BA



Figura 64 – Sítio Homem sem Cabeça, Vale do Catimbau – PE

Fonte: Amaral e Barbosa, 2007

> (...) os autores das pinturas conservaram todas as características do estilo inicial Serra da Capivara, mas, incorporaram temática e soluções técnicas próprias do complexo estilístico Serra Talhada. Todos os painéis apresentam temática única, ligada à posse de armas (possivelmente bordunas) e à apresentação das mesmas. O painel central encena uma forte relação binária-opositiva entre distintos grupos de figuras, a dinâmica gestual de cada figura indica uma postura agressiva em relação à outra figura agenciada no grupo opositor. Nesse painel, o aprimoramento técnico é evidente, percebido nos traços curvilíneos bem definidos dos atributos físicos e culturais dos antropomorfos.

Em direção à nascente do Rio São Francisco, no Município de Campo Formoso encontra-se um conjunto de sítios com painéis de pintura rupestre que podem ser filiados à Tradição Nordeste. Situam-se no Boqueirão do Juazeiro Velho (Fig. 65) e no Boqueirão da Mata Roçada (Fig. 66).

No Município do Morro do Chapéu – BA, Etchevarne (2009) identificou painéis de pinturas da Tradição Nordeste. Na Toca do Pepino, registrou conjuntos de antropomorfos retratados em cenas de conflito ou de rituais de batalha, de caça a veados e de captura de emas. (Fig. 67). Observou que, na realização dos painéis, o grupo autor teve grande cuidado no tratamento das figuras, na utilização de traços finos, na predominância da cor vermelha escura, amarronada ou arroxeada, e em uma tendência às dimensões pequenas, chegando, em alguns casos, à miniaturização. (ETCHEVARNE, 2009).

Em Riacho Largo, povoado do Município de Central - BA, existe um painel de pintura rupestre da Tradição Nordeste (MARTIN, 1997, apud SILVA, 1998). Nele está representada uma cena de caça. (Fig. 68).

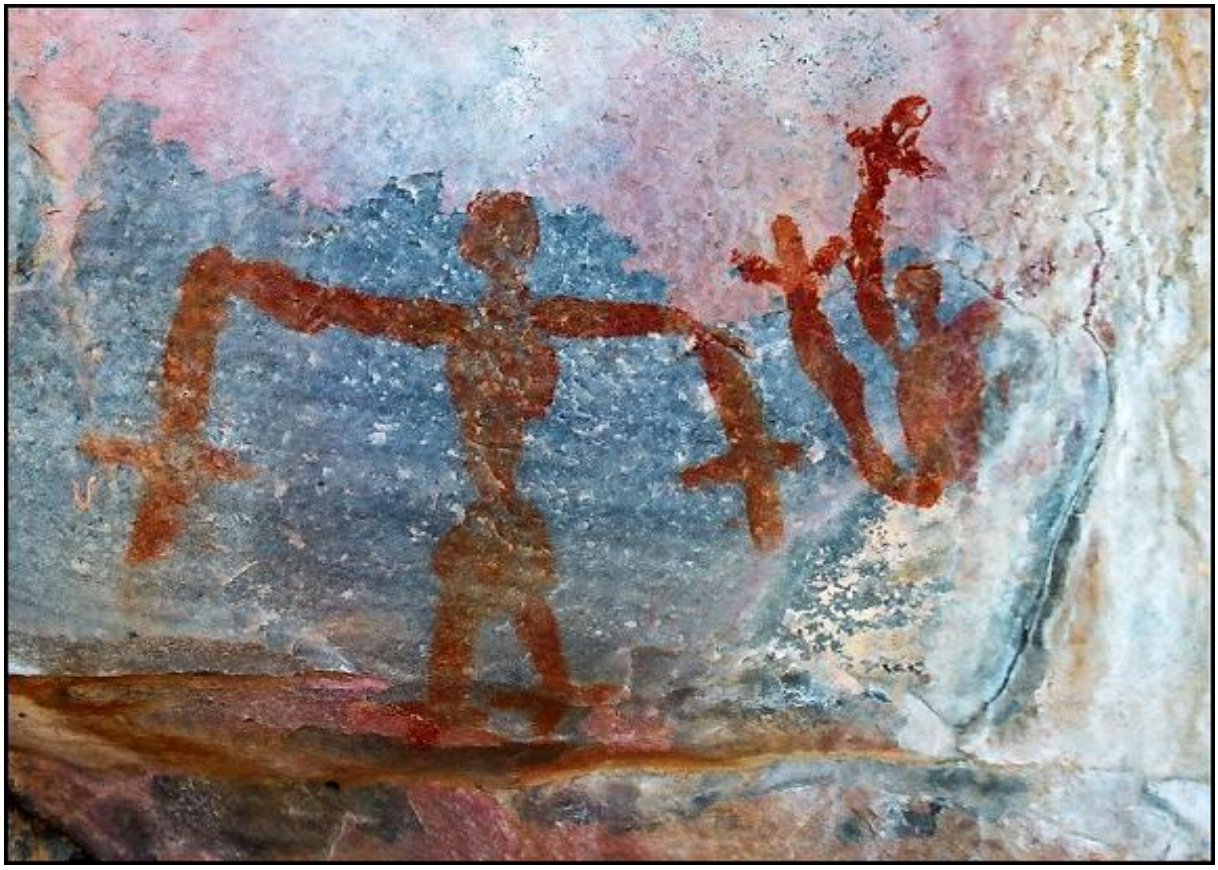


Figura 65 - Boqueirão do Juazeiro Velho, Campo Formoso – BA



Figura 66 - Boqueirão da Mata Roçada, Campo Formoso – BA



Figura 67 – Sítio Toca do Pepino, Morro do Chapéu – BA

Fonte: Etchevarne, 2009, p. 52

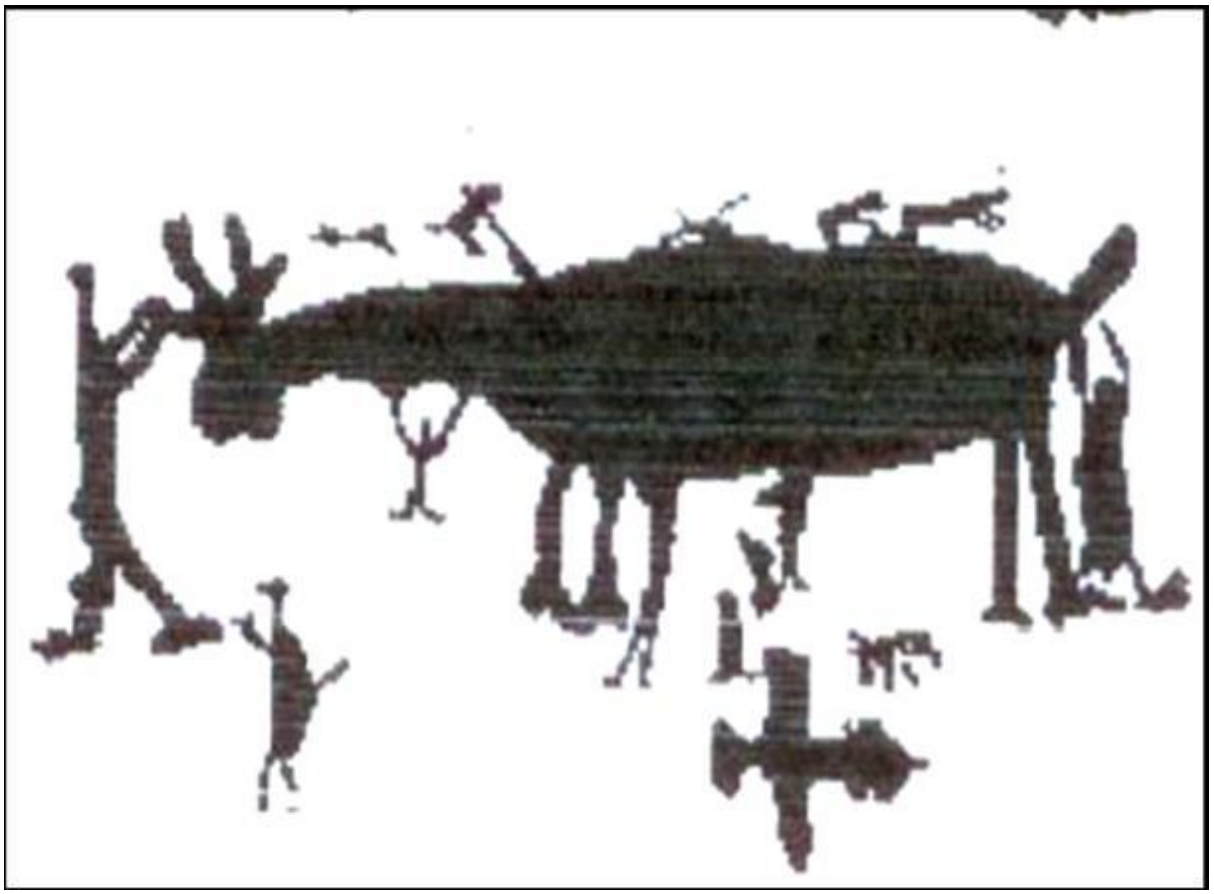


Figura 68 – Painel da Tradição Nordeste, em Riacho Largo, na região de Central – BA
Fonte: Martin, 1997 apud Silva, 1998)

No sítio Lapa do Chapéu, em Minas Gerais, existem painéis de pintura que se podem filiar à Tradição Nordeste (Fig. 69). Assim também em Matozinhos – MG, na região de Lagoa Santa, há registro de um painel com pinturas da Tradição Nordeste na Gruta do Ballet. Esse painel foi realizado em uma rocha calcária com protuberâncias (depressões e concavidades). Nele são representadas figuras humanas com cabeças ornitomorfas acompanhadas de símbolos indefinidos. As cores variam entre preto, amarelo, ocre e vermelho (CETEC, 1982). Suas formas equiparam-se às das cabeças de castanha de caju, abundantes nas pinturas da Subtradição Seridó. (Fig. 70).

Embora absolutamente minoritários, nos municípios de Serranópolis e Caiapônia, em no Planalto Central do Brasil, ocorrem também painéis de pintura rupestre que podem ser classificados como da Tradição Nordeste. (Fig. 71 e 72). Serranópolis situa-se no Sudoeste de Goiás, margem direita do Rio Paranaíba, próximo à fronteira com o Estado de Mato Grosso do Sul. Caiapônia localiza-se na margem direita do Rio Araguaia, próximo à fronteira com o Estado de Mato Grosso. Nos dois municípios os painéis da Tradição Nordeste foram realizados em abrigos rochosos alojados em paredões de arenito e quartzito.

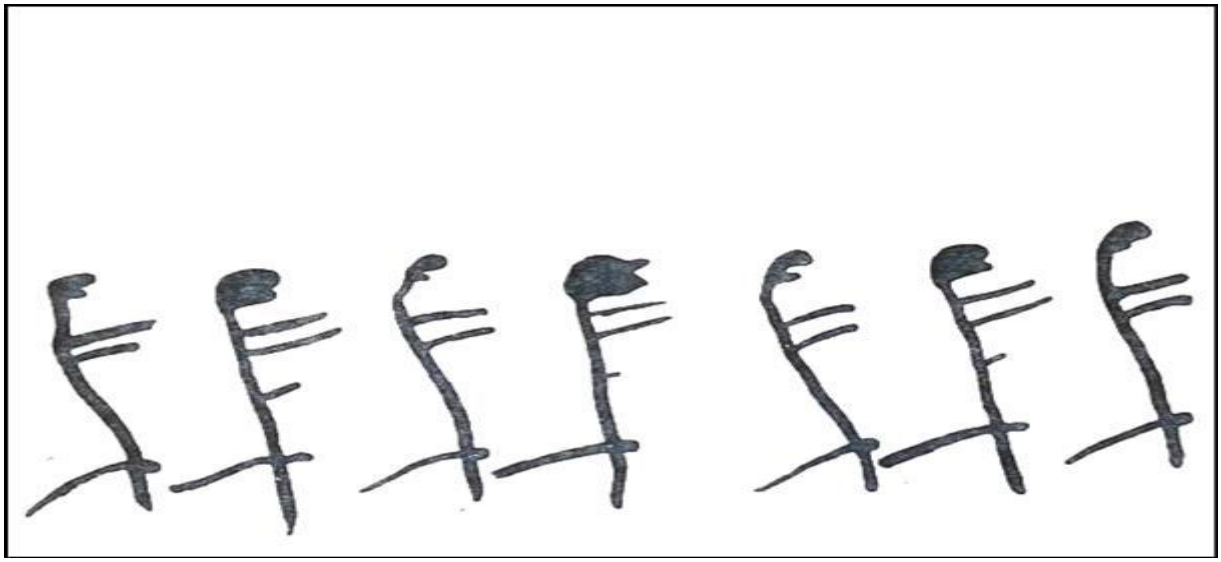


Figura 69 – Painel da Tradição Nordeste, no sítio Lapa do Chapéu, em Minas Gerais
Fonte: Palestrini, 1969

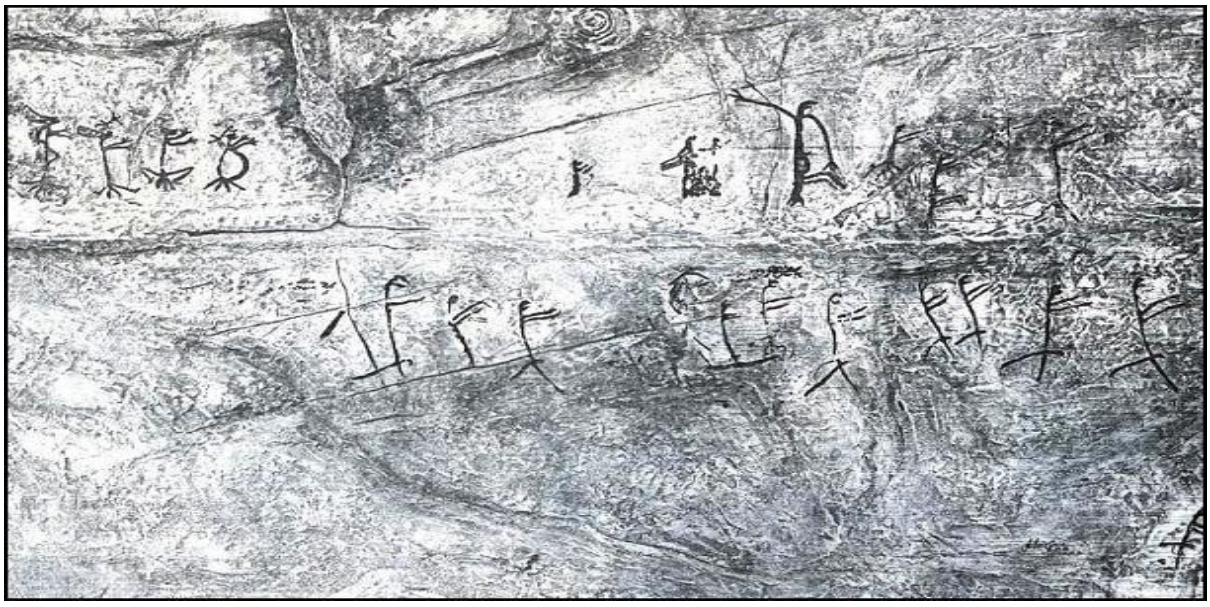


Figura 70 – Painel da Tradição Nordeste, na Gruta do Ballet, em Matozinhos – MG
Fonte: CETEC, 1982

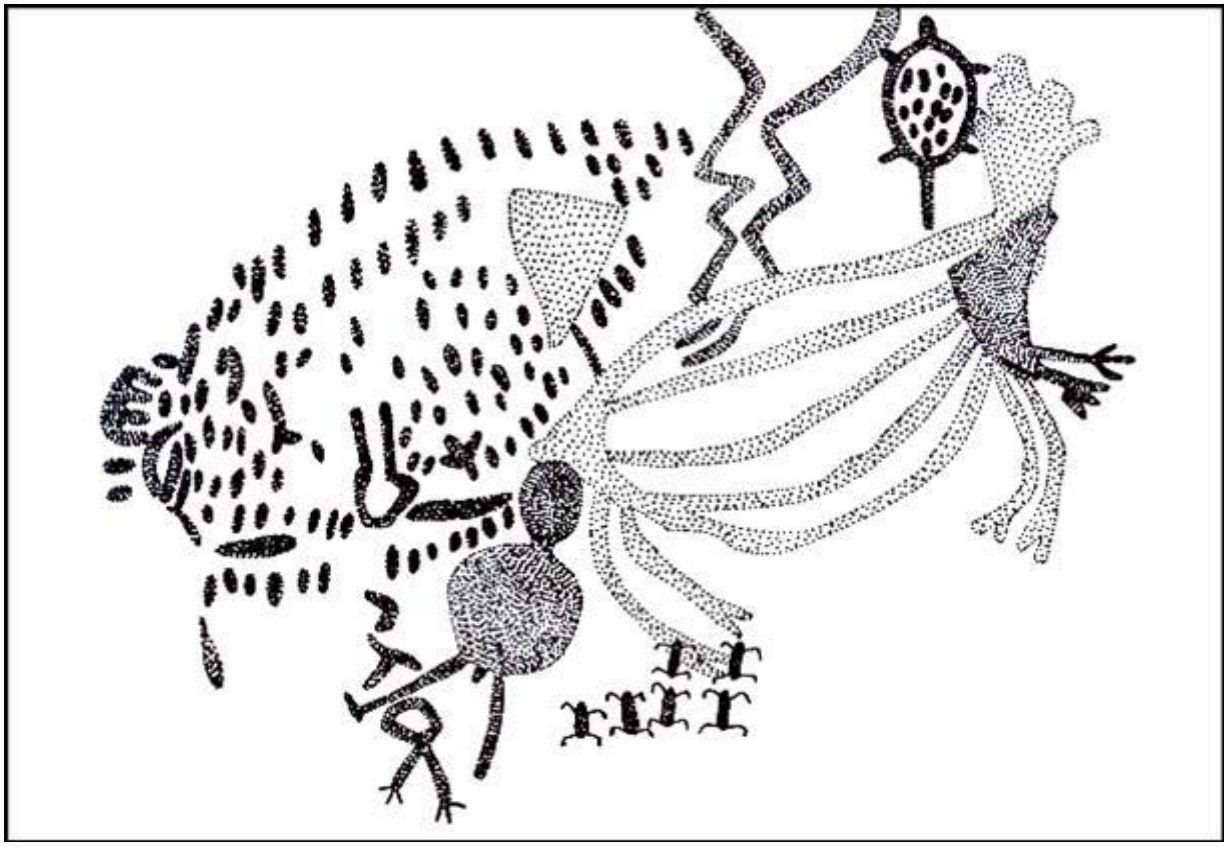


Figura 71 – Painel da Tradição Nordeste em Serranópolis – GO
Fonte: Schmitz et al., 1984, p. 42

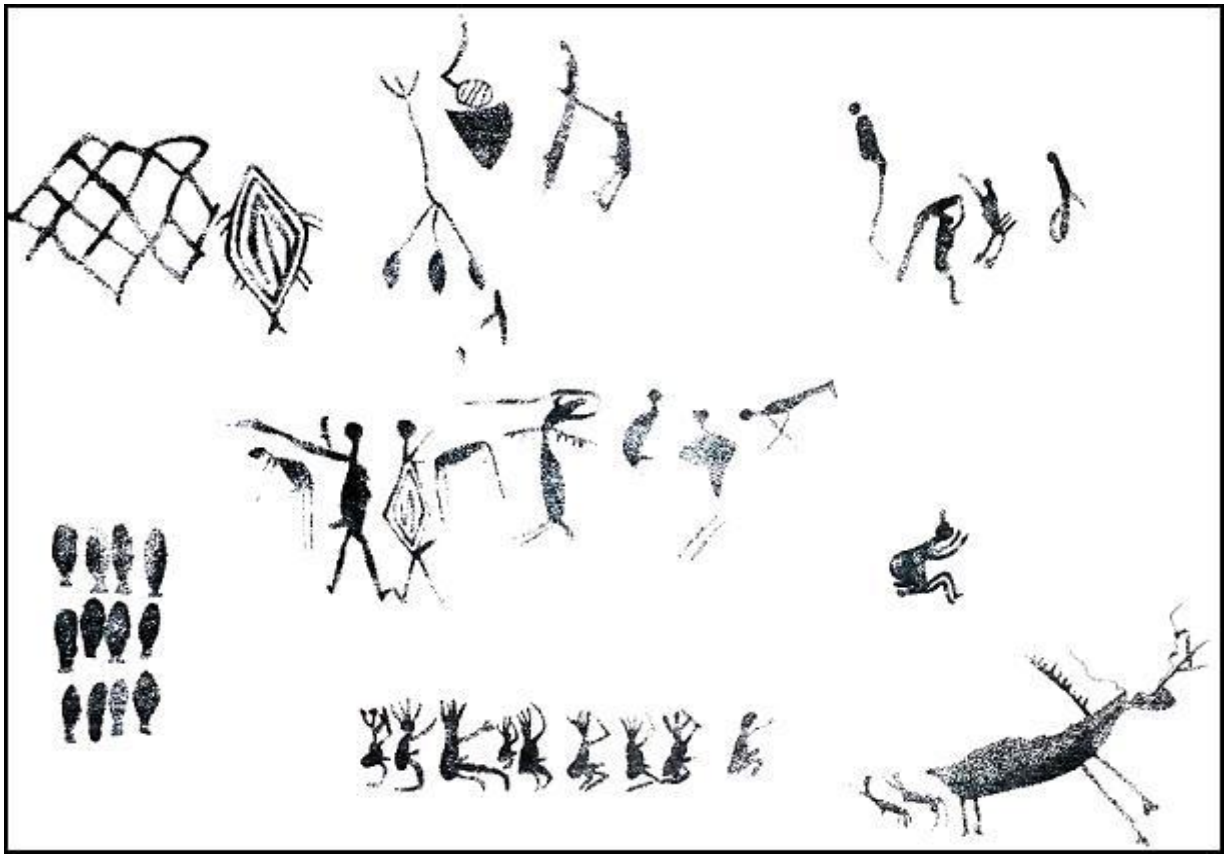


Figura 72 – Tradição Nordeste em Caiapônia – GO
Fonte: Schmitz et al., 1984, p. 50

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A constatação de que no Município de Sento Sé – BA existem painéis de pintura rupestre com padrão de reconhecimento e cenografia semelhantes às da Tradição Nordeste, sugere que grupos pré-históricos da região Sudeste do Piauí tenham ocupado, temporariamente, a região do Médio e do Submédio São Francisco. A proximidade geográfica desse município com o Parque Nacional Serra da Capivara reforça essa probabilidade. Reforça também a hipótese de que boa parte das pinturas rupestres dessa Tradição tenha sido realizada há mais ou menos de 9.000 anos. É bastante provável que, nesse período, grupos pré-históricos da região Sudeste do Piauí, dispersaram-se para várias regiões do Nordeste, como Seridó – RN, para o Estado de Minas Geais e para o Planalto Central do Brasil, utilizando como rota migratória o Vale do Rio São Francisco. (Fig. 73).



Figura 73 – Provável rota migratória dos autores das pinturas da Tradição Nordeste (Fonte: Google Earth, 2012, modificado pelos autores)

Como não se dispõe de cronologias para os registros rupestres do Município de Sento Sé – BA sugere-se a realização de escavações arqueológicas nos sítios onde foram identificados painéis da Tradição Nordeste para corroborar ou contrastar as hipóteses.

REFERÊNCIAS

AMARAL, Marília Perazzo Valadares do. **Os Sítios de registros rupestres em Buíque, Venturosa e Pedra (PE) no contexto da geopaisagem**. Dissertação de mestrado. Universidade Federal de Pernambuco – UFPE. 2007.

BARBOSA, Ricardo José Neves. **As pinturas rupestres da área arqueológica Vale do Catimbau – Buíque, Pernambuco: estudo das fronteiras gráficas de passagem**. Dissertação de mestrado – Universidade Federal de Pernambuco – UFPE. Recife. 2007. 174 f.

ETCHEVARNE, Carlos. **Particularidades das expressões gráficas rupestres da Tradição Nordeste, em Morro do Chapéu, Bahia**. CLIO Arqueológica. Recife V. 24. N.º 1. 2009. p. 41-59.

FUNDAÇÃO CENTRO TECNOLÓGICO DE MINAS GERAIS/CETEC. **A arte rupestre no Estado de Minas Gerais: a região de Lagoa Santa**. Série de Publicações Técnicas, 9. Belo Horizonte. 1982. 30 p.

GASPAR, M. **A Arte Rupestre no Brasil**. Rio de Janeiro: Zahar. 2003.

GOOGLE EARTH. US Depto State Geographer. Maplink / Tele Atlas. 2011. Acesso em 02 de julho de 2012.

GUIDON, Niède. **Arte pré-histórica da área arqueológica de São Raimundo Nonato: síntese de dez anos de pesquisa**. Revista CLIO - UFPE, Recife, n. 7, 1985, p. 3-80.

_____. **Tradições Rupestres da Área Arqueológica de São Raimundo Nonato, Piauí, Brasil**. CLIO Arqueológica, Recife, n. 5, p. 5-10, 1989.
FUMDHAM, 20011. Disponível em http://www.fumdham.org.br/pintura.asp. Acesso em 09/08/2011.

HERNANDO, Almudena. **Arqueologia de la Identidad**. Madrid: Ediciones Akal, AS. 2002.

KESTERING, Celito. **Identidade dos grupos pré-históricos de Sobradinho – BA**. Tese de doutorado. Universidade Federal de Pernambuco – UFPE. 2007. 298 f.

_____ . **Patrimônio Arqueológico de Sento Sé – BA**. (Prelo). 2011. 793 f.

MARTIN, Gabriela. **Pré-história do Nordeste do Brasil**. 2. ed. atual. Recife: Editora Universitária da UFPE, 1998. 450 p.

MARTIN, Gabriela; GUIDON, Niède. **A onça e as orantes: Uma revisão das classificações tradicionais dos registros rupestres do Nordeste do Brasil**. CLIO Arqueológica. V. 25. n.º 1. Recife. 2010. p. 11-30.

PALLESTRINI, Luciana. **Pinturas rupestres brasileiras**. Editôra Paestum, 1969.

PESSIS, Anne-Marie. **Apresentação Gráfica e Social na Tradição Nordeste de Pinturas Rupestre do Brasil**. CLIO - Série Arqueológica, Universidade Federal de Pernambuco- UFPE, Recife, n.5, 1989, p. 11-18.

_____. **Identidade e Classificação dos Registros Gráficos Pré-históricos do Nordeste do Brasil**. CLIO Arqueológica, Recife, n. 8, p. 35-68. 1992.

_____. **Imagens da Pré-História. Parque Nacional Serra da Capivara**. I ed., FUMDHAM/PETROBRÁS; São Paulo, SP: A&A Comunicação, 2003.

SCHMITZ, Pedro Ignácio; BARBOSA, Altair Sales; RIBEIRO, Maria Barberi; VERARDI, Ivone. **Arte rupestre no Centro do Brasil: pinturas e gravuras da pré-história de Goiás e oeste da Bahia**. São Leopoldo – RS: UNISINOS. 1984. 80 p.

SILVA, Joaquim Perfeito da. **Cultura e sistemas simbólicos: "melting pot" na arte rupestre da Bahia**. Dissertação de mestrado). Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ 1998. 185 f..

SOUZA, Luciano de. **Caracterização das cenas de guerra da Subtradição Várzea Grande na Área Arqueológica da Serra da Capivara**. Monografia (Graduação em Arqueologia e Preservação Patrimonial) – Campus Serra da Capivara, Universidade Federal do Vale do São Francisco. São Raimundo Nonato: UNIVASF, 2009. 79 f.